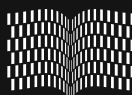


Lucila Ludmila Paula Gutierrez  
Alethéa Gatto Barschak  
(organizadoras)

# C VID-19

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFCSPA:  
reinvenção em tempos de pandemia**



Editora da  
UFCSPA

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFCSPA:  
reinvenção em tempos de pandemia

**Universidade Federal de Ciências  
da Saúde de Porto Alegre**

**Reitora**

Lucia Campos Pellanda

**Vice-reitora**

Jenifer Saffi

**Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e  
Assuntos Estudantis (PROEXT)**

Mônica Maria Celestina de Oliveira

**EDITORA DA UFCSPA**

**Diretora**

Ana Carolina da Costa e Fonseca

**Vice-diretora**

Ana Rachel Salgado

**Conselho Editorial**

Alberto Antônio Rasia Filho  
Ana Carolina da Costa e Fonseca  
Ana Luíza Pires de Freitas  
Ana Rachel Salgado  
Caroline Tozzi Reppold  
Cláudia de Souza Libânio  
Iago Gonçalves Ferreira  
Márcia Vignoli-Silva  
Paulo Guilherme Markus Lopes  
Rodrigo de Oliveira Lemos

**Revisão**

Yuli Souza Carvalho

**Diagramação**

Eduardo Coimbra Farias (ASCOM/UFCSPA)

Lucila Ludmila Paula Gutierrez  
Alethéa Gatto Barschak  
(organizadoras)

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFCSPA:  
reinvenção em tempos de pandemia



Editora da  
UFCSPA

Porto Alegre 2021

É permitida a reprodução sem fins lucrativos apenas do texto escrito desta obra, parcial ou total, desde que citada a fonte ou sítio da Internet onde pode ser encontrada ([www.ufcspa.edu.br/editora](http://www.ufcspa.edu.br/editora)).

O presente livro foi avaliado e recomendado para publicação por pareceristas e aprovado pelo Conselho Editorial da Editora da UFCSPA para publicação.



### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E96 Extensão universitária da UFCSPA : reinvenção em tempos de pandemia [recurso eletrônico] / organizadoras: Lucila Ludmila Paula Gutierrez e Alethéa Gatto Barschak. — Porto Alegre: Ed. da UFCSPA, 2021.  
Recurso on-line (159 p.)

(UFCSPA - Ciência, Humanidades e Covid-19)

Modo de acesso: <http://www.ufcspa.edu.br/index.php/editora/obras-publicadas>

ISBN 978-65-87950-42-6

1. Saúde. 2. Medicina. 3. Pandemias. 4. Extensão universitária. 5. Infecções por Coronavírus. I. Gutierrez, Lucila Ludmila Paula. II. Barschak, Alethéa Gatto. III. Série.

CDD 610

CDU 610

## AUTORAS E AUTORES

Adília Maria Pereira Wiebbelling  
Adriana Torres de Lemos  
Alessandra Dartora da Silva  
Alethéa Gatto Barschak  
Aline Alves Veleda  
Aline Correa de Souza  
Aline Griza  
Alisia Helena Weis  
Amanda Berlinck da Silva  
Amanda Petrini Bini  
Ana Cristina Borba da Cunha  
Ana Cristina Wesner  
Andriane Monteiro Vieira  
Ângela de Mattos Dutra  
Annie Jeannine Bisso Lacchini  
Arthur Aires  
Bruna Espíndola de Araújo  
Bruna Lixinski Diniz  
Caroline Barbosa da Silva  
Caroline Busatto  
Caroline de Oliveira  
Carolíni Thomas da Silva  
Cecília Bittencourt Severo  
Cibele Cristina Boscolo  
Cristine Souza Goebel  
Daniela Guido Pereira  
Débora Cardoso Corrêa  
Débora Fernandes Coelho  
Débora Gomes da Rocha  
Débora Soares da Silva  
Deisi Cristina Gollo Marques Vidor  
Domênica Bossardi Ramos  
Elisa Bueno Pereira  
Elizabeth de Carvalho Castro  
Émilly Giacomelli Bragé  
Emily Viega Alves  
Fernanda Górski  
Fernanda Lopes de Souza  
Francisco Scornavacca  
Gabriela Peretti Wagner  
Gabriela Solano de Oliveira

Helena Schirmer  
Henrique Carvalho de Andrade  
Inara Rahde Fialho  
Isabella Silva Moraes  
Isadora Garcia Camboim  
Iury Mergen Knoll  
Jhonathas Willyam de Oliveira Fernandes  
Júlia de Azambuja do Nascimento  
Juliana Trevisan da Rocha  
Juliana Wizoreke Carvalho  
Kauany Letícia Lameu  
Kellen Cristina Araujo  
Lahanna da Silva Ribeiro  
Larissa Knewitz Peres  
Larissa Vitória da Silva  
Lauren Ruas Vrech  
Letícia Pacheco Ribas  
Liana Vitória Marchezi  
Lisiane Wandscheer  
Lucas Gabriel dos Anjos Ferreira  
Luciana Boose Pinheiro  
Lucila Ludmila Paula Gutierrez  
Marcelo Rabello dos Santos  
Marcia Angelica Peter Maahs  
Maria Luísa Martins D'Angelo  
Maria Paula Oliveira de Moraes  
Mariana Karaim Silveira de Souza  
Mariana Ritter Rau  
Marla Narciso Godoi Biajoli  
Melissa Medeiros Markoski  
Pâmela Veroneze Demichei  
Pedro Henrique Mirapalheta Jacques  
Rafaela Ferraz Brito  
Raquel dos Santos Ramos  
Rasna Rodrigues Vasques  
Renata Padilha Guedes  
Ricardo Sukiennik  
Rita de Cassia dos Reis Schmidt  
Sandy Borges Cardoso  
Simone Schneider Amaral  
Suellen Cristina Silveira da Silva  
Tatiane Andressa Gasparetto  
Viktória Machado de Albuquerque

*À sociedade brasileira, por confiar no trabalho  
das universidades públicas.*





# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO UFCSPA

*Lucia Campos Pellanda*

13

## APRESENTAÇÃO

*Mônica Maria Celestina de Oliveira*

17

## INTRODUÇÃO – COVID-19: REFLEXÕES SOBRE DESAFIOS E CAMINHOS ENCONTRADOS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez, Débora Fernandes Coelho,  
Alethéa Gatto Barschak*

19

## VINCULAÇÃO, CAPACITAÇÃO E PRODUÇÃO INTRAMUROS

33

## APRESENTAÇÃO – PERTENCER, CONSTRUIR E PENSAR O BEM SOCIAL

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez, Alethéa Gatto Barschak*

35

## EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS PARA A MANUTENÇÃO DO VÍNCULO DOS DOUTORES-PALHAÇOS

*Amanda Berlinck da Silva, Bruna Espíndola de Araújo,  
Bruna Lixinski Diniz, Caroline de Oliveira, Carolíni Thomas da Silva,  
Daniela Guido Pereira, Débora Soares da Silva, Fernanda Górski,  
Isabella Silva Moraes, Isadora Garcia Camboim,  
Kauany Letícia Lameu, Liana Vitória Marchezi,  
Mariana Ritter Rau, Elizabeth de Carvalho Castro*

39

**PARASITÓSES INTESTINAIS: DESAFIOS  
NA PRÁTICA EXTENSIONISTA**

*Débora Cardoso Corrêa, Cecília Bittencourt Severo,  
Helena Schirmer, Adília Maria Pereira Wiebelling*

45

**OFICINA DE ANATOMIA PARA PROFESSORES DA  
REDE ESCOLAR PÚBLICA: O QUE É POSSÍVEL FAZER?**

*Maria Paula Oliveira de Moraes, Lucila Ludmila  
Paula Gutierrez, Renata Padilha Guedes*

51

**IMPACTAMOS DISCENTES FAZENDO EXTENSÃO?**

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez, Larissa Vitória da Silva,  
Sandy Borges Cardoso, Victória Machado de Albuquerque,  
Iury Mergen Knoll, Alethéa Gatto Barschak*

57

**TECNOLOGIAS INCLUSIVAS E SUSTENTÁVEIS DE  
TINGIMENTO COM VISTAS À GERAÇÃO DE RENDA**

*Rita de Cassia dos Reis Schmidt, Henrique Carvalho de Andrade,  
Pedro Henrique Mirapalheta Jacques, Jhonathas Willyam de Oliveira  
Fernandes, Marla Narciso Godoi Biajoli, Simone Schneider Amaral,  
Ângela de Mattos Dutra, Cristine Souza Goebel,  
Ana Cristina Borba da Cunha*

63

**PROMOÇÃO DA SAÚDE DOS ADOLESCENTES**

*Kellen Cristina Araujo, Aline Correa de Souza,  
Alessandra Dartora da Silva, Alisia Helena Weis*

67

**CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS  
COMPLEMENTARES ÀS AÇÕES EXTENSIONISTAS  
NO COMBATE AO TABAGISMO**

*Lucas Gabriel dos Anjos Ferreira, Gabriela Solano de Oliveira,  
Rafaela Ferraz Brito, Adriane Monteiro Vieira,  
Rasna Rodrigues Vasques, Emily Vieira Alves,  
Marcia Angelica Peter Maabs, Cibele Cristina Boscolo,  
Deisi Cristina Gollo Marques Vidor*

73

**AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES COM QUEIXAS DE APRENDIZAGEM**

*Arthur Aires, Leticia Pacheco Ribas, Francisco Scornavacca,  
Ricardo Sukiennik, Gabriela Peretti Wagner*

79

**O PROJETO DE EXTENSÃO *AT WORK* NA  
ATENÇÃO À SAÚDE DO TRABALHADOR**

*Adriana Torres de Lemos, Maria Luísa Martins D'Angelo,  
Júlia de Azambuja do Nascimento, Juliana Wizoreke Carvalho,  
Amanda Petrini Bini, Elisa Bueno Pereira, Pâmela Veroneze Demichei*

87

**EDUCAÇÃO PERMANENTE EM ENFERMAGEM NA  
SAÚDE MENTAL: POSSIBILIDADES E REFLEXÕES**

*Débora Gomes da Rocha, Labanna da Silva Ribeiro,  
Émilly Giacomelli Bragé, Domênica Bossardi Ramos, Caroline Busatto,  
Inara Rahde Fialho, Lauren Ruas Vrech, Annie Jeanninne Bisso Lacchini*

93

**CULTURA NA EXTENSÃO**

99

**APRESENTAÇÃO – APOIO E  
TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE**

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez, Alethéa Gatto Barschak*

101

**CONEXÃO CULTURA: DIFUSÃO CULTURAL EM REDE**

*Lisiane Wandscheer, Aline Griza*

**105**

**MÚSICA VIRTUAL: O CORAL E A BANDA  
COMUNITÁRIA DA UFCSPA**

*Marcelo Rabello dos Santos*

**111**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:  
TRANSFORMANDO EXPERIÊNCIAS**

*Luciana Boose Pinheiro, Tatiane Andressa*

*Gasparetto, Raquel dos Santos Ramos*

**117**

**ALTERNATIVAS PARA A MANUTENÇÃO DAS PARCERIAS**

**123**

**APRESENTAÇÃO – AS PARCERIAS COMO ELO  
ENTRE A EXTENSÃO E O PÚBLICO-ALVO**

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez, Alethéa Gatto Barschak*

**125**

**FEIRA DE SAÚDE: UMA NOVA REALIDADE**

*Fernanda Lopes de Souza e Melissa Medeiros Markoski*

**129**

**TIPAGEM SANGUÍNEA E INCENTIVO À DOAÇÃO  
DE SANGUE: MAIS DE 10 ANOS DE TRAJETÓRIA**

*Suellen Cristina Silveira da Silva, Juliana Trevisan da Rocha,*

*Ana Cristina Borba da Cunha, Cristine Souza Goebel*

**133**

**PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL À DISTÂNCIA**

*Caroline Barbosa da Silva, Larissa Knewitz Peres, Mariana Karaim*

*Silveira de Souza, Aline Alves Veleda, Ana Cristina Wesner*

**139**

## **APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO UFCSPA - CIÊNCIA, HUMANIDADES E COVID-19**

A UFCSPA, como única universidade federal especializada em saúde, vem assumindo protagonismo no combate à pandemia relacionada ao SARS-CoV-2, desde o seu início. Fomos a primeira universidade do RS a organizar atividades científicas para estudar a questão, já no início do ano letivo.

Uma grande parte da nossa comunidade universitária está envolvida no enfrentamento à pandemia, tanto na assistência em saúde nos locais de prática como em ações essenciais na própria Universidade. Direcionamos nossos recursos de forma intensiva para o enfrentamento dessa emergência de saúde pública.

São mais de 100 ações da comunidade da UFCSPA, incluindo: produção de álcool gel e de equipamentos de proteção; testagem de apoio ao LACEN e à Santa Casa; participação no Comitê Científico de enfrentamento à Pandemia Covid-19 (formado por pesquisadores das universidades gaúchas e autoridades científicas por solicitação do governo do Estado); participação em campanhas de vacinação para gripe; orientações telefônicas (Telessaúde); produção de material

informativo através de textos, *cards* e vídeos para redes sociais com informações para a prevenção do contágio pelo SARS-CoV-2; ações de promoção do bem-estar e da saúde; fabricação digital para reposição de peças e componentes utilizados em hospitais para combate ao SARS-CoV-2; ações educativas, entre muitas outras, incluindo várias ações junto às Secretarias Municipal e Estadual de Saúde e ao Ministério da Saúde. Em parceria com a UNIFESP, docentes da UFCSPA organizaram um curso on-line para profissionais de saúde que já teve milhares de participantes.

Em poucas semanas, foram desenvolvidos, a partir de um esforço concentrado dos nossos pesquisadores, projetos para compreender melhor a doença e buscar formas de prevenção e tratamento.

Considerando nossa missão de contribuir para a sociedade e buscar soluções que impactam a todos, surgiu a ideia de uma coleção especial da Editora da UFCSPA que pudesse ampliar o alcance da intensa produção de conhecimento que vem acontecendo na Universidade e fora dela.

O nome da coleção, *Ciência, Humanidades e Covid-19*, reflete a amplitude e a diversidade de uma universidade da saúde. Consideramos que, tão importantes quanto os conhecimentos epidemiológicos, clínicos e básicos diretamente relacionados à COVID-19, as reflexões sobre educação, modos de vida, comportamentos e relações humanas, ética, artes e humanidades em geral contribuem de modo fundamental para entendermos o momento em que vivemos e como, a partir de agora, podemos construir uma sociedade que enfrente melhor situações críticas como uma pandemia.

Vivemos um grande desafio, para o qual ainda não temos todas as respostas. Mas sabemos que colaboração, empatia e mensagens claras para a população, sempre baseadas em conhecimento científico, trazem bons resultados.

Acreditamos que o investimento de longo prazo em Educação é um dos fatores mais importantes para que um país possa ter independência científica, leitura crítica da realidade e uma resposta altamente engajada em qualquer situação.

Que a coleção da Editora da UFCSPA possa contribuir para essa resposta!

*Profa. Dra. Lucia Campos Pellanda*  
Reitora da UFCSPA





## APRESENTAÇÃO

A partir do momento em que a Organização Mundial da Saúde declarou o surto de Covid-19 como uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional (em 30 de janeiro de 2020) e uma pandemia (em 11 de março de 2020), a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), como única universidade federal especializada em saúde do Brasil, decidiu assumir uma posição clara e objetiva no combate a essa doença, que, naquela época, era totalmente desconhecida e que viria a atingir toda a sociedade de formas distintas e muito profundas.

O mundo precisou proteger-se, adaptar-se e reinventar-se para sobreviver a esse mal do século, e as universidades tinham a obrigação de continuar cumprindo o seu papel junto à sociedade.

Diante da situação posta e dada a importância de nos mantermos em atividade, a comunidade da UFCSPA, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEXT), redefiniu as ações extensionistas previstas para o ano de 2020 pelos projetos, pelos programas, pelas ligas acadêmicas e pelo Núcleo Cultural (NCULT). Colocou-se efetivamente ao lado da sociedade para, juntos, superarmos

a imposição sanitária de distanciamento físico e o desenvolvimento de atividades mediadas por tecnologias.

Considerando nossa missão como universidade pública e buscando impactar no dia a dia da nossa sociedade, a Editora da UFCSPA intensificou o seu trabalho para fazer chegar a todos o que estava sendo desenvolvido por nossos docentes e discentes, tentando, de alguma forma, amenizar o impacto negativo do enfrentamento à pandemia.

A coleção *Ciência, Humanidades e Covid-19* nos convida a refletir sobre a diversidade de saberes que pode ser encontrada em uma instituição de ensino superior especializada em saúde. Neste volume, o leitor encontrará relatos de diferentes atividades e registros de como o ato de se reinventar em meio a uma pandemia foi significativo para os diferentes atores do processo. Com esses registros, fica evidente que a interprofissionalidade, presente na extensão universitária, foi crucial para propiciar reflexões que ultrapassassem a barreira dos conhecimentos básicos sobre a Covid-19 e para reforçar nosso modo de fazer e a ideia de que juntos somos mais fortes.

Defender o protagonismo das universidades em situações como a que estamos enfrentando é uma decisão de cada cidadão. Lutar por mais investimentos na educação é uma decisão que precisa ser tomada por toda a sociedade, para que, como nação, possamos enfrentar, de forma efetiva, as adversidades que surgirem.

Que todos possam aproveitar ao máximo mais este produto da UFCSPA para a sociedade.

**Profa. Dra. Mônica Maria Celestina de Oliveira**  
Pró-Reitora de Extensão, Cultura e  
Assuntos Estudantis da UFCSPA

# **INTRODUÇÃO**

## **COVID-19: REFLEXÕES SOBRE DESAFIOS E CAMINHOS ENCONTRADOS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez*

*Débora Fernandes Coelho*

*Alethéa Gatto Barschak*

Os pilares ensino-pesquisa-extensão, enquanto tripé de Instituições de Ensino Superior (IES), precisam ser requisitos para a formação de qualidade dos profissionais que irão atuar no meio em que vivemos. Esses três pilares estão tão intimamente interligados que é difícil definir onde um termina e outro começa. A pesquisa é o elemento norteador do Ensino Superior, por produzir o conhecimento científico que sustenta o ensino e a extensão (DIEHL; TERRA, 2014), e o conhecimento de uma realidade extensionista pode trazer elementos a serem investigados. O ensino, por sua vez, pode ser colocado em prática nas ações extensionistas, e o aprendizado é fortalecido a partir das experiências obtidas com a sociedade. Já a extensão, por fim, utiliza

do ensino e da pesquisa para se construir, fazendo, por esse motivo, parte do componente curricular da formação dos profissionais. Dessa forma, fica clara a importância da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, pois os três, juntos, criam um conceito de excelência nas IES.

No Brasil, de modo mais atual, a construção extensionista do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em consonância com o que vem sendo desenhado pelas políticas nacionais de extensão (CRISTOFOLETTI; SERAFIM, 2020), definiu a extensão universitária como:

[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987, p. 11 *apud* CRISTOFOLETTI; SERAFIM, 2020, p. 7).

Quando se observa a extensão universitária dessa forma, percebe-se que ela é palco de um processo educativo, de diálogo constante com a sociedade (não se faz extensão isoladamente em uma “ilha”, onde a academia só “transfere” o conhecimento, de acordo com o que acredita ser bom para a população, sem ouvi-la, sem agregar os saberes que ela pode oferecer), visando a relações com a comunidade, em que o sujeito olha de frente as outras pessoas, enxergando-as verdadeiramente, inteirando-se de suas características e particularidades e vivenciando essa realidade. Assim, há a oportunidade de promover

a unidade teórica e prática: aprendem-se os conceitos nas aulas dentro da universidade e exercita-se o que foi visto, experienciando-se o que foi ensinado nos fatos da vida cotidiana junto às populações. Nesse processo, todos ganham, tanto os futuros profissionais quanto a sociedade: os graduandos, por manterem o diálogo e a troca entre os conhecimentos acadêmicos; os grupos sociais, por desenvolverem competências e habilidades, por se prepararem mais e se aproximarem do mercado de trabalho; e a coletividade, por ter acesso ao saber acadêmico, tornado um bem público pela extensão universitária. Logo, a extensão universitária possibilita a comunicação entre a academia e a sociedade, trazendo aos indivíduos das duas esferas a oportunidade de reflexão acerca da realidade social, das dificuldades e das possibilidades de melhoria enquanto relação dialética (DIEHL; TERRA, 2014). Isso torna a extensão um elemento produtor de conhecimento e transformador do ensino e da pesquisa. Por fim, a extensão oportuniza vivências de interdisciplinaridade e *visão do social* de modo *integrado* (CRISTOFOLETTI; SERAFIM, 2020).

Aliás, a extensão universitária apresenta diversas nuances que nem sempre estão claras para aqueles que não a experimentaram, sendo que selecionamos algumas dessas para abordar neste livro. Começamos falando sobre a estruturação das atividades a serem desenvolvidas. Quando uma atividade extensionista ocorre junto a um grupo social, nem sempre é vislumbrado todo o trabalho dispensado para isso ocorrer: a experiência adquirida e o estudo em pesquisa e ensino (informações provenientes da ciência mundial) dos profissionais da IES; a quantidade de horas de planejamento necessárias; o esforço pessoal dos responsáveis pela instituição parceira e pela universidade; a dedicação de cada um deles; e a preocupação em atender as demandas daquela população específica (solicitações que chegam pelo próprio grupo que participará das ações e por outras organizações que lidam com esse). Tudo precisa ser pensado e elaborado com antecedência, normalmente em reuniões

sistemáticas entre a equipe que irá atuar e os integrantes das entidades citadas. Segue-se, então, a capacitação dos envolvidos (docentes e discentes da IES proponente), assim como a preparação de roteiro do que será executado, o que propicia aos professores e aos estudantes o aprofundamento de uma temática, exigindo muitas horas de preparação. Isso também permite aos alunos a aproximação das disciplinas cursadas na IES, além de desenvolver elementos para se trabalhar de modo interdisciplinar e multiprofissional. O público a quem as ações de extensão são direcionadas precisa ser conhecido, para que a metodologia seja adequada às suas necessidades. É um grupo de analfabetos? Como trabalhar com eles para levar informação de qualidade? São indivíduos de baixa escolaridade? Como garantir uma troca efetiva se o público não compreender o que está se propondo? São indivíduos com deficiência? Se não possuem a capacidade de visão, por exemplo, como adaptar a metodologia? Falando nela, ela deve ser pautada em linguagem coloquial, ou o grupo no qual se vai atuar é especialista naquela área e pode-se usar linguagem técnica e aprofundar ainda mais o assunto? São indivíduos em vulnerabilidade? Se sim, quais? Precisam ser sanadas as suas primeiras necessidades (fome ou vestimenta, por exemplo) antes de se conseguir trabalhar efetivamente? O que se pode fazer? Que parceria pode-se buscar para auxiliar nesta situação?

Assim, essa é a realidade do dia a dia dos extensionistas, que precisam orientar suas atividades para não transformar o projeto ou o programa de extensão somente em um meio de transferência de conhecimento da universidade à população; pelo contrário, busca-se valorizar os saberes populares, proporcionar momentos de discussão e gerar autonomia no processo de construção dos conceitos de todos os envolvidos. Os participantes das ações, muito comumente, tornam-se multiplicadores do que compartilharam e aprenderam no grupo, levando as informações obtidas ao meio em que vivem. Além disso,

no contato com a comunidade, os estudantes são desafiados com questionamentos; com efeito, essa permuta auxilia todos os atores a se tornarem proativos e responsáveis pelas transformações que são capazes de fazer no ambiente em que atuam (SARAIVA et al., 2019).

Com todo o material e a ação prontos e previamente combinados com o público assistido, não é incomum os extensionistas chegarem ao local onde a ação será desenvolvida e serem surpreendidos: a necessidade é outra para aquele dia. Note-se que a extensão exige diálogo entre as partes, como já foi referido, então os extensionistas preparam as temáticas a serem trabalhadas a partir das demandas da própria população envolvida. Mesmo assim, porque a vida é dinâmica, por um acontecimento cotidiano, por uma notícia gerada pela mídia, por um problema que um dos integrantes do grupo vem enfrentando etc., tudo muda na hora, e tem-se que atuar a partir do proposto por aqueles que apresentam outra necessidade. Muitas vezes, os participantes buscam apenas serem ouvidos, serem vistos enquanto pessoas. Quanto crescimento a todos uma situação dessa é capaz de ensinar? No mínimo, nossa capacidade de sermos empáticos, de olharmos para o outro, de cuidarmos do outro e de nos flexibilizarmos frente à solicitação. Já nesse exemplo, quanto os alunos e os professores ganham em competências e habilidades?

Além disso, a extensão auxilia na preparação de nossa capacidade de formação de vínculos entre a equipe extensionista e os participantes da ação e dentro destes próprios grupos. Isso se dá de várias formas, uma delas é trabalhar incentivando a participação de todos, demonstrando que cada um é relevante, que as opiniões expressas precisam ser ouvidas e acolhidas, que há um interesse genuíno por cada um, pois as pessoas importam e precisam ser respeitadas enquanto indivíduos, e cada ser traz uma vivência que pode ensinar muito, devendo ser repartida, sim, porque fazemos parte do coletivo. Quando isso ocorre, os melhores sentimentos do ser humano vêm à



tona, e abrem-se as portas para exercitarmos a humanização, o carinho, o bem-querer, o cuidado, a gratidão, a preocupação, a solidariedade e a fraternidade. Surgem também o sorrir e o chorar com o outro e pelo outro, as trocas, não só de conhecimento popular e acadêmico, mas também de pequenas alegrias e conquistas diárias, assim como tristezas que doem no peito, o vibrar pelas pequenas vitórias da comunidade em que atuamos... Tudo isso junto ao público-alvo e entre os próprios integrantes da equipe extensionista. Ainda, o comprometimento, a assiduidade, a pontualidade, a seriedade do trabalho do programa ou do projeto de extensão e o interesse em fazer a diferença para aquelas pessoas vão construindo a confiança do público. Fica claro que as lições aprendidas pelos alunos e pelos professores envolvidos vão muito além das acadêmicas: são lições de vida e comportamento frente ao sofrimento humano que são praticadas na extensão. Esses aprendizados, embora sejam lecionados em sala de aula dentro das universidades (pois a ética profissional faz parte da composição curricular dos cursos de graduação), são vividos, sentidos nas fibras mais íntimas dos extensionistas, e isso oportuniza a formação de profissionais mais envolvidos e preocupados com o bem-estar da sociedade. Não há quem participe da extensão que não a ame: muitos começam nesse caminho acreditando que podem contribuir para a sociedade, mas a realidade é que recebemos muito mais do que pensamos que pudéssemos levar.

Outro aspecto nem sempre mencionado é o papel da cultura na extensão. A cultura está sempre presente na vida do ser humano como um elemento ativo e em constante transformação, desde os tempos primórdios. Todos os sujeitos no planeta possuem cultura, porque cada um cria e propaga diversas culturas. Bourdieu (1996), justificando a importância da incorporação da cultura no processo de ensino-aprendizagem, relata que cultura e educação estão entrelaçadas, uma não pode ser pensada sem a outra.

Logo, observa-se que o processo educacional é sustentado pela cultura, sendo essencial a inclusão dessa no currículo de formação escolar e profissional, pois nossos saberes, nossos comportamentos, nossas maneiras de lidar com os outros e com os acontecimentos da vida guardam relação com a cultura ou se sustentam nela. Não nos esqueçamos que, por meio dela, unimos comunidades e encontramos o sentimento de pertencimento. É a partir dela que o mundo que habitamos passa a fazer sentido, fazendo com que a bagagem e o modo de viver de cada povo sejam únicos. A cultura permite que aprendamos com os outros; logo, o reconhecimento da multiculturalidade da sociedade leva à constatação da diversidade de raízes culturais. Essas, por sua vez, acabam por fazer parte de um contexto educativo, seja em sala de aula ou fora dela. Elas também precisam ser respeitadas, abrindo-se espaços para que todos contribuam sem medo de preconceitos ou de discriminação pela cultura que manifestam ou a que pertencem. Isso contribui para a formação de um ambiente sociável onde todos podem crescer. Por envolver um processo de criar e recriar, a cultura se manifesta nos atos mais corriqueiros do dia a dia do indivíduo e, por isso, está intimamente interlaçada com a educação. Ambas são partes importantes da socialização, podendo transformar a maneira de pensar dos indivíduos. Dessa forma, fica fácil compreender onde a cultura entra, em se tratando de extensão: quando adotamos a cultura como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem, oportuniza-se que cada sujeito que integra as atividades extensionistas (a equipe e o público-alvo) se sinta parte do processo educacional, pertencente àquele meio e àquela sociedade, respeitado na sua individualidade e na sua história, digno em seus saberes e confiante para compartilhá-los – demonstrando, mais uma vez, que a extensão é componente da tríade com pesquisa e ensino e não pode ser separada da cultura, necessária para aprendermos.

A última nuance a ser aqui mencionada é a importância das parcerias formadas entre a sociedade e as IES. A extensão universitária prevê relação dialógica não somente com a população-alvo, mas também com instituições ou entidades que abrigam ou nos colocam em contato direto com aqueles com quem as práticas extensionistas podem ser desenvolvidas. Assim, antes mesmo de se pensar na extensão em si, é necessária a conversa com essas parcerias, para pensarmos em diferentes maneiras de colaboração, com qual grupo social é possível trabalhar, quais os meios que existem para se chegar à população, qual a realidade que encontraremos, do que aquela comunidade precisa, quais suas características, como atuar, quais as metodologias/estratégias que se adequam àquela situação, como podemos levar o nosso melhor etc. Ninguém faz nada sozinho e, na extensão, isso se torna uma verdade absoluta, de modo que encontrar estas parcerias e mantê-las é de suma importância, pois isso qualificará o trabalho desenvolvido. Sim, as parcerias são a chave do sucesso, e, ao contrário do que se possa imaginar, muitos são aqueles que se esforçam para construir uma realidade melhor para si e para os outros.

Sabendo-se de tudo isso, quando todo o planejamento do trabalho extensionista que seria desenvolvido de modo presencial ao longo do ano de 2020 começou a ser colocado em prática com o início de mais um semestre letivo, chegou a pandemia da Covid-19, em março desse mesmo ano. Isso nos desafiou em muitas áreas da vida, e na extensão não foi diferente. Estávamos todas as equipes extensionistas da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) – instituição especializada na formação de profissionais exclusivamente da área da saúde – prontas para começar a trabalhar ou já tendo começado sua atuação junto às entidades ou ao público-alvo. Os materiais, as ações, os professores, os alunos, as organizações parceiras, a própria Universidade, todos preparados! De repente, tudo

mudou! Não poderíamos mais trabalhar presencialmente como forma de restringir a disseminação da doença.

E agora? O que faríamos? Como manter o vínculo com a comunidade, para que pudéssemos dar continuidade ao trabalho, se não naquele momento, mais adiante? Como manter contato com os participantes das ações extensionistas, principalmente com indivíduos vulneráveis? E com aqueles que precisariam de capacitação para enfrentar a pandemia? Como manter a parceria com os locais de atuação, com as instituições parceiras? Como colocar os alunos de frente com a realidade no meio em que vivem, humanizá-los e prepará-los para a atuação responsável, segura e admirável no mercado de trabalho? Falando nos alunos, como manter seus interesses no projeto? O que oferecer a eles, se não mais teríamos programas e projetos, pelo menos não da maneira que estávamos acostumados? E a saúde física e mental de todos? O que faríamos? Muitos foram os questionamentos, e a nossa própria força de vontade e de trabalho nos auxiliou a respondê-los.

Como o ser humano é um ser gregário, social e capaz de adaptação – característica importante para garantir nossa sobrevivência ao longo da evolução –, lá fomos nós pensar no que poderíamos mudar em termos de atividades propostas, em como alterar nossos planejamentos e vislumbrar o que poderíamos fazer de inovador, já que isso era exigido pela pandemia. Se naquele momento não havia possibilidade de retomada presencial junto aos participantes das ações, o que poderia ser colocado em prática dos programas ou dos projetos de extensão? Quem sabe aquela proposta que estava engavetada? Quem sabe produção de conhecimento? E se estudássemos mais sobre a temática do programa ou do projeto, preparando-nos com calma para quando pudéssemos novamente nos reunir presencialmente? Como aproveitar este tempo? Foi dessa maneira que os extensionistas da UFCSPA buscaram “fazer do limão uma limonada” e de onde surgiu este livro, que traz relatos na temática da “reinvenção da extensão

universitária”. Não tínhamos tempo a perder; se naquele momento a pandemia nos restringia de algumas formas, iríamos reinventar a extensão e aproveitar para fazer as tantas outras coisas que cabem e constituem a extensão universitária. Os caminhos encontrados foram muitos, uma vez que, mesmo frente a tantas adversidades, desistir nunca foi um deles. Muita gente contava e conta conosco. O preparo para as alternativas encontradas para suplantar as dificuldades se deu porque a extensão universitária já lida com obstáculos diariamente: vários “nãos” frente a parcerias e a pedidos de auxílio, falta de recursos, desvalorização do trabalho, falta de conhecimento de seu papel na sociedade e na formação discente e tantas outras dificuldades, que já sabíamos de antemão que fariam com que a extensão resistisse.

Assim, foram nascendo ideias lindas, novas maneiras de trabalhar com a sociedade (uma das ideias foi trabalhar com a sociedade de modo virtual, relatos apresentados no livro *Extensão Universitária da UFCSPA: mídias sociais e Covid-19*, publicado pela Editora da UFSCPA em 2020), com o grupo da extensão e com as instituições parceiras. Entretanto, a atuação remota junto à população, via mídias sociais, não foi a única saída encontrada. Efetivamente, em nossa experiência na área da extensão, a pandemia oportunizou um ano de mais estudo, de mais publicações de livros, de capítulos de livro e de artigos em revistas sobre o assunto. Foram possíveis, também, a criação de novos e diversos materiais para auxílio de aprendizagem nas atividades extensionistas, a capacitação dos alunos e dos professores, o desenvolvimento de novas competências e habilidades e a formação de vínculo forte dentro do grupo extensionista e com o público. Enfim, 2020 se mostrou um ano muito produtivo, apesar de tantos desafios, contradizendo todas as expectativas.

Foi em uma das muitas reuniões virtuais de planejamento e adequação das atividades extensionistas com a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEXT) da UFCSPA

que, ouvindo os relatos das transformações que outros professores, colegas nossos, fizeram em seus programas e seus projetos de modo a manterem suas atividades, dessa vontade de continuar o trabalho, de fazer diferente, de fazer a diferença, que o livro *Extensão Universitária da UFCSPA: reinvenção em tempos de pandemia* se formou. Iremos trazer ao leitor exemplos do que pode ser feito na extensão universitária além do trabalho remoto, que, já sabemos, foi um modo encontrado para continuar a atuação junto à população. No decorrer da leitura dos capítulos, será demonstrado como foi trabalhada a vinculação nos grupos extensionistas e quais foram as estratégias utilizadas para manter os alunos com senso de pertencimento à universidade, aos programas e aos projetos. O livro também narra como foram feitos os planejamentos de atividades, a capacitação da equipe extensionista na área da saúde e a produção dentro da universidade (embora estivéssemos todos trabalhando remotamente). Outro aspecto que precisa ser mencionado é a cultura, abraçada pela extensão universitária, que levou alívio aos lares de todos aqueles que se encontravam ilhados em suas casas, em isolamento físico. O papel da cultura nem sempre é destacado, mas ela é vital para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais – tão requeridas pelo mercado de trabalho atualmente, junto a habilidades técnicas – e a manutenção da saúde mental. Assim, por meio da arte, da fotografia, da dança, do teatro, da música, da pintura e de tantas outras formas de expressão, somos capazes de desenvolver habilidades como autoconhecimento, exteriorização de emoções, sensibilidade, empatia, autonomia, reconhecimento de diferenças, entre outros (justamente o que a extensão busca desenvolver).

Por fim, demonstramos, neste livro, as possibilidades descobertas para a manutenção das parcerias, pois, como visto, a extensão e as parcerias são interdependentes. Entendemos que, para vencermos obstáculos, é essencial mostrar o que a extensão universitária é, os produtos que é capaz de gerar, como ela pode contribuir para a

sociedade, além de como melhora a formação do profissional, traz bem-estar às comunidades e busca superar as dificuldades a cada dia. Só podemos agradecer aos colegas da extensão universitária, em especial aos da UFCSPA, que não esmoreceram de nenhuma maneira frente à pandemia, mantendo-se como faróis diante da tempestade no mar da vida. Eles viram, antes de dificuldades impostas pela chegada da Covid-19, oportunidades para se trabalhar a extensão universitária de forma diversa e inédita até então. Fomos desafiados, nestes tempos diferentes, a usar a criatividade, a trabalhar intensamente aprendendo a conviver de modo virtual, a usar as ferramentas de mídias digitais e a montar materiais nunca antes imaginados. Alavancamos tantos aspectos da educação, da pesquisa, do modo de nos relacionarmos, foram tantos os aprendizados que esperamos contribuir para todos os que lerem estes relatos sem pretensão, mas cheios de perseverança e de coragem frente ao novo.

Adentramos o ano de 2021, e, durante a fase final da organização deste livro, a realidade que vivemos em 2020 começou a mudar. Enfim, as vacinas para o SARS-CoV-2 foram desenvolvidas, e a vacinação da população foi iniciada. Porém, isso não significa que retomaremos imediatamente as nossas atividades como eram antes da pandemia. Neste momento em que escrevemos (janeiro de 2021), muito ainda é necessário para que as atividades presenciais voltem plenamente. Logo, as alternativas encontradas pelos programas e pelos projetos de extensão se fazem vigentes até o presente, não só por precisarmos manter os cuidados para evitar a transmissão do coronavírus, mas também e principalmente porque vimos que é possível fazer de outra maneira e que o diferente não necessariamente é pior, pelo contrário. Por meio das experiências descritas nesta obra, observamos que muitos dos caminhos encontrados enriqueceram o trabalho da extensão e permitiram grande interação com o público-alvo, com a equipe extensionista e

com os parceiros da extensão. Consideramos que houve uma soma de forças de todos os envolvidos para que fossem continuados nossos trabalhos, e todos nos tornamos um, pela vontade de estarmos juntos, embora separados fisicamente. Por isso, acreditamos que, mesmo quando todos estivermos vacinados, as alternativas aqui apresentadas permanecerão como forma de orientar diferentes maneiras de atuar na extensão.

Que as narrativas apresentadas neste livro possam impulsionar vocês, leitores, a continuarem seus esforços, uma vez que outras instituições de ensino superior também atuam junto à sociedade por programas e projetos de extensão universitária, e para que todos vocês não se sintam sozinhos nesta empreitada! Seguiremos, lado a lado, fazendo nossa parte, pois muitas são as chances de reinvenção para aqueles cuja vontade não esmorece.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

CRISTOFOLETTI, E. C.; SERAFIM, M. P. Dimensões Metodológicas e Analíticas da Extensão Universitária. *Educação e Realidade*, v. 45, n.1, p. 1-20, 2020.

DIEHL, B. T.; TERRA, E. L. Indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão: do legal ao real. *Revista Humanidades*, v. 29, n. 1, p. 133-153, 2014.



SARAIVA, A. C. A. et al. Experiência extensionista no desenvolvimento de metodologias em educação em saúde junto a cuidadoras de pessoa com deficiência. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 10, n. 3, p. 101-107, 2019.

VINCULAÇÃO, CAPACITAÇÃO  
E PRODUÇÃO INTRAMUROS



# **APRESENTAÇÃO**

## **PERTENCER, CONSTRUIR E PENSAR O BEM SOCIAL**

Com a chegada da pandemia e a necessidade do isolamento físico, a extensão perdeu seu contexto de presencialidade no trabalho junto às comunidades, conforme visto. Contudo, a extensão possui um papel social que está entranhado nos seres que participam de suas atividades e que nem sempre é compreendido por aqueles que não vivem essa realidade. Não há como o indivíduo que atua na extensão não se importar com as coletividades, pois a participação em ações em prol do bem coletivo vai modificando, de modo irreversível, a visão de vida daqueles que atuam nesse meio. Assim, se, desde antes da chegada da Covid-19, já havia a preocupação da extensão universitária em fomentar bem-estar à sociedade, multiplique-se agora infinitamente sua vontade firme de levar alívio e esperança aos corações frente ao cenário nada amistoso que a vida nos trouxe. Visando a dar continuidade à sua função, a extensão vem recompondo sua forma de interação com a sociedade frente à realidade do momento, sem descontinuar o seu trabalho.

A temática *Vinculação, Capacitação e Produção Intramuros* traz relatos justamente sobre as dificuldades encontradas para manter o trabalho da extensão com a população-alvo nesta situação de pandemia, em que a presencialidade não pode ocorrer. O que fazer? Reinventar-se!

Nesta parte do livro, os leitores poderão descobrir as soluções encontradas pelos extensionistas, que se obstinam em continuar suas atividades e que utilizaram o tempo de exceção para ousar fazer a diferença, buscando a unidade em meio a tanta desesperança frente à desolação provocada pela pandemia. Vamos nos deparar com narrações que versam sobre a brecha, entrevista pelos extensionistas, para fortalecer o vínculo das equipes dentro de seus projetos e seus programas de extensão. Também vamos refletir sobre a significação que a extensão teve na vida da própria equipe para a manutenção de sua saúde mental (inclusive como rede de apoio social e educacional), para encontrarem um senso de utilidade e pertencimento aos programas, aos projetos e à UFCSPA. Vislumbraram-se com um objetivo maior ao dar amparo ao outro e perceberem que, assim, sustentavam a si mesmos. As falas aqui relatadas trazem, em tons de sensibilidade, o quanto isso foi importante para o suporte da motivação desses atores, assim como para fortalecer o vínculo com os sujeitos assistidos, visando à boa execução das atuais e das futuras ações frente à população. Além disso, os relatos também contam como os extensionistas utilizaram este período tão diferente do esperado para capacitar seus grupos e elaborar materiais a serem empregados quando for possível trabalhar de forma presencial novamente. Ainda, muitos programas e projetos aproveitaram o momento vivido para produzir cientificamente, levando para extramuros o conhecimento adquirido por suas experiências, alavancando os saberes e auxiliando outras instituições a sustentarem seu papel social, inclusive em plena situação de pandemia da Covid-19. Aqui são demonstradas rotas sociais diferentes das conhecidas, que começaram pelas escolhas dos

próprios extensionistas que visavam a qualificar o trabalho e que foram utilizadas como ferramentas para abrir estradas em prol do bem coletivo. Será visto que, com o descortinar do véu da dificuldade, os extensionistas buscaram se expandir em outras tantas dimensões. Assim, podemos observar que, apesar dos desafios, é possível manter a atuação da universidade mesmo à distância e que a extensão universitária possui um papel amplo dentro e fora da academia.

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez e  
Alethéa Gatto Barschak*

Outubro de 2020



# EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS PARA A MANUTENÇÃO DO VÍNCULO DOS DOUTORES-PALHAÇOS

*Amanda Berlinck da Silva*

*Bruna Espíndola de Araújo*

*Bruna Lixinski Diniz*

*Caroline de Oliveira*

*Carolini Thomas da Silva*

*Daniela Guido Pereira*

*Débora Soares da Silva*

*Fernanda Górski*

*Isabella Silva Moraes*

*Isadora Garcia Camboim*

*Kauany Letícia Lameu*

*Liana Vitória Marchezi*

*Mariana Ritter Rau*

*Elizabeth de Carvalho Castro*

A extensão é uma forma de articulação entre universidade e sociedade por meio de diversas ações, cujas diretrizes foram



estabelecidas pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação (BRASIL, 2018). O programa de extensão Doutores-Palhaços UFCSPA, por sua vez, representa uma das pontes entre a instituição e a comunidade por meio da criação e da manutenção de vínculos com pessoas voluntárias. Assim, se a presença dos voluntários, por si só, já é importante, compreender e manter o vínculo entre eles é um fator preponderante para que as atividades de extensão sejam realizadas adequadamente.

Entende-se como vínculo – do latim *vincŭlum* – uma união, uma relação ou uma ligação de uma pessoa ou coisa com outra (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2020). Duas pessoas ou objetos vinculados estão unidos, encadeados ou atados, seja física ou simbolicamente.

O programa *Doutores-Palhaços UFCSPA: o uso do riso como instrumento terapêutico*, desde seu início, em 2012, reconhece como vinculado todo o voluntário envolvido em atividades como capacitações (formações iniciais ou continuadas em palhaçaria) e/ou atuações hospitalares (visitas dos doutores-palhaços aos hospitais parceiros). Além do vínculo como voluntário, há configuração de vínculo como bolsista parte da Comissão Organizadora, pessoa que pode exercer as atividades acima mencionadas.

Visto que os objetivos do programa são capacitar e formar voluntários, no contexto da palhaçaria, e organizar as atuações hospitalares dos respectivos doutores-palhaços, essa ligação do trabalho voluntário sempre estabeleceu como necessária a presença ativa dessas pessoas em pelo menos uma atividade, seja ela a capacitação ou a atuação hospitalar.

Com a suspensão do calendário acadêmico pela UFCSPA, em março de 2020, em conformidade com recomendações da Organização Mundial da Saúde, devido à pandemia da Covid-19, as atividades presenciais que demandavam contato interpessoal direto foram

interrompidas (UFCSA, 2020). Naquele momento, os voluntários interessados em desempenhar atividades no semestre já haviam se matriculado, e o programa contava com dezenas de pessoas vinculadas, mas sem poder desenvolver as ações que antes compunham os pilares centrais do propósito de humanização em saúde. A organização do programa, de maneira a se adaptar frente às novas demandas, passou a discutir outras formas de vínculo. Sendo assim, como proporcionar experiências significativas que mantivessem a integração dos voluntários em um programa que possui a conexão interpessoal como chave para seu funcionamento?

Esse questionamento deu origem à necessidade de elaboração de novas estratégias, com o propósito de evitar que fossem enfraquecidos ou perdidos o processo de formação continuada dos voluntários e a conexão entre eles. Pensando na ressignificação da continuidade voluntário-programa, uma nova metodologia, com ferramentas antes pouco exploradas, foi idealizada e testada. As capacitações e as atuações hospitalares que, antes, eram formas estritas de atividades do programa e de formação individual do doutor-palhaço, deixaram de ser as ferramentas principais, para que se desse espaço a uma nova forma de interação.

Desse modo, foram estabelecidos dois principais objetivos: manter a conexão dos voluntários (seja com o programa, com o seu palhaço ou com os outros voluntários) e ressignificar a forma como é levada a humanização em saúde a quem necessitar (sendo essa uma consequência natural do primeiro objetivo).

A partir do mês de abril, as capacitações deram lugar e inspiração à criação de materiais contendo leituras, reflexões e atividades que foram enviadas por *e-mail*, no intuito de provocar o voluntário a se conectar consigo e com seu palhaço quando fosse propício. Como pontos de conexão dos voluntários uns com os outros, foi criado um grupo no WhatsApp, para compartilhamento instantâneo de experiências, e

foram realizadas duas videochamadas. Em relação ao segundo objetivo, a prática da humanização em saúde – que antes se dava principalmente por meio das atuações dos doutores-palhaços – foi adaptada para o ambiente das redes sociais. Para isso, foram produzidos vídeos, fotos e materiais interativos com auxílio dos voluntários para que se pudesse ter um alcance ainda maior do público.

Como resultado dessas mudanças, grandes reflexões e aprendizados acerca do papel do palhaço e, também, da forma que esse se conecta com o mundo ao seu redor foram incorporados às práticas do programa. Ao seguir provocando os voluntários para que se conectassem aos seus palhaços e uns com os outros, foi possibilitada a eles uma forma alternativa de enfrentar os desafios impostos pelo novo contexto de isolamento físico e de pandemia a partir de um olhar diferente à palhaçaria.

Além do âmbito da palhaçaria, o envio de *e-mails* e a realização de videochamadas foram formas de acolhimento dos voluntários. Em meio a mudanças radicais na rotina dessas pessoas por conta da interrupção de atividades, foi percebido que a continuidade das atividades do programa, em uma rotina estabelecida, contribuiu para a criação de uma atmosfera familiar e acolhedora, a qual nutriu o sentimento de pertencimento ao grupo.

Ao final da experiência, no mês de julho, além das reflexões da Comissão Organizadora, os voluntários participaram de um momento de troca e expressaram, de forma livre, pontos que lhes foram relevantes durante o período de atividades. Dentre eles, é possível destacar: o papel da rede de apoio do grupo; a importância de se lembrar que o grupo e as outras pessoas existem (reforçando o pertencimento); e o espaço para compartilhamento de lembranças e de experiências com a palhaçaria hospitalar. Esses três pontos levantados foram fenômenos que aconteceram por meio da iniciativa dos próprios voluntários, sem necessariamente haver a mediação da Comissão Organizadora. O

caráter descentralizado desse acolhimento atuou como um importante reforço para o vínculo dos voluntários com o programa neste contexto atípico.

Assim sendo, a Comissão Organizadora entende que a metodologia estabelecida durante este período é válida para manutenção de vínculo e pode ser incorporada ao repertório de atividades desempenhadas. Portanto, o programa Doutores-Palhaços UFCSPA pretende continuar proporcionando um espaço seguro e acolhedor, fortalecedor de vínculos, mesmo com o desafio imposto pela modalidade virtual. Também é tida como essencial, por fim, a necessidade de continuar aprendendo e reinventando as práticas extensionistas para se adequar aos novos contextos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_cman&view=download&alias=104251-rces007-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_cman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 28 ago. 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Vínculo**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/vínculo>. Acesso em: 28 ago. 2020.

UFCSPA. **Portaria Normativa 10/2020/Reitoria, de 18 de março de 2020.** Estabelece procedimentos e rotinas nas atividades acadêmicas e administrativas para atendimento de medidas de contingência frente à emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (Covid-19). Disponível em: <https://www.ufcspa.edu.br/sobre-a-ufcspa/normas/reitoria/1302-portaria-normativa-10-2020-reitoria-de-18-de-marco-de-2020>. Acesso em: 28 ago. 2020.

# PARASITOSSES INTESTINAIS: DESAFIOS NA PRÁTICA EXTENSIONISTA

*Débora Cardoso Corrêa*

*Cecília Bittencourt Severo*

*Helena Schirmer*

*Adília Maria Pereira Wiebbelling*

As parasitoses intestinais, apesar dos avanços na saúde pública, continuam a acometer milhares de crianças no território brasileiro, principalmente devido à deficiência de saneamento básico e a hábitos precários de higiene pessoal. Dessa forma, trabalhar a educação sanitária se faz fundamental para intervir nesta realidade à medida que esse problema necessita de adequadas medidas terapêuticas e profiláticas.

As práticas educacionais, quando bem aplicadas, levam os indivíduos a adquirirem conhecimentos quanto à prevenção de parasitoses, evidenciando o valor da orientação pedagógica para a conscientização da população. Além disso, Amor *et al.* (2003) salientam que a alta incidência das parasitoses humanas no Brasil, tanto em crianças como em adultos, onera orçamentos, muitas vezes

insuficientes. Assim, a educação preventiva, aliada ao tratamento de infecções parasitárias, desenvolve o potencial da comunidade e melhora consideravelmente sua saúde e sua qualidade de vida (KRUSCHEWSKY *et al.*, 2008).

Nesse contexto, há o surgimento do projeto realizado com estudantes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), na disciplina de Parasitologia. Esse oportuniza atividades lúdicas promovidas pelos acadêmicos, após analisar a prevalência das parasitoses intestinais na comunidade, de modo a beneficiar essa população com o acesso ao conhecimento sobre medidas preventivas que possam minorar seus elevados índices.

A extensão, então, surge como um meio de unir a realidade de higiene precária vivenciada pelas comunidades atendidas pela UFCSPA ao ensino e às habilidades adquiridas em tempo real pelos discentes em seus primeiros anos de academia. Tem-se, assim, uma formação voltada de fato à realidade, apresentando benefícios não só à comunidade, mas também aos acadêmicos – que entram em contato com suas primeiras experiências em diagnóstico, tratamento e, por fim, prevenção desses possíveis pacientes.

Dessa forma, semestre após semestre, destes mais de 15 anos de projeto, os estudantes dos primeiros anos dos cursos de Biomedicina, Enfermagem e Medicina preparam material lúdico com enfoque na prevenção das parasitoses intestinais e, posteriormente, realizam intervenções em escolas de Porto Alegre. De acordo com Gurgel (2005), a higiene pessoal (como tomar banho todos os dias, lavar as mãos antes das refeições e após defecação, cortar as unhas, andar calçado), entre outras medidas básicas, é necessária para uma boa saúde e é fator fundamental para a redução dos riscos de infecção por parasitas.

Nestas quase duas décadas, estima-se que o projeto tenha atingido por volta de 24 mil pessoas. Com uma longa história e

uma quantidade significativa de material didático sobre prevenção de parasitoses desenvolvida, iniciou-se, há 2 anos, a catalogação das atividades em um livro virtual a ser utilizado como amostra para escolas e universidades que queiram levar as intervenções para suas comunidades.

No ano de 2020, porém, o projeto essencialmente presencial precisou ser modificado e adaptado devido ao contexto de pandemia da Covid-19. Devido às limitações advindas do cenário, o seu desenvolvimento e a sua execução ocorreram a partir do ensino à distância. O projeto foi voltado à confecção de material didático e instrutivo virtualmente, de modo que esse pudesse ser levado futuramente à comunidade (inicialmente, pensou-se que as aulas não demorariam muito tempo para retornar). Para isso, trabalhou-se em módulos, a fim de facilitar a orientação e a organização dos estudantes, que facultativamente participaram do projeto. Os acadêmicos agregaram, módulo a módulo, o conhecimento necessário para, ao final, confeccionar material educativo para a comunidade externa à UFCSPA. Para a realização das atividades, os universitários foram orientados a se organizarem em grupos e virtualmente discutirem e confeccionarem o material.

No módulo I, o acadêmico poderia escolher a infecção parasitária com a qual gostaria de trabalhar (Ascariíase, Tricuríase, Enterobíase, Estrongiloidíase, Teníase, Amebíase, Giardiase). A seguir, deveria produzir material acadêmico, com a justificativa de sua escolha, a prevalência da doença no país e na região, a etiologia e a fisiopatologia, os principais sinais e sintomas, o diagnóstico e os exames importantes associados, e o tratamento e a prevenção. Já no módulo II, solicitou-se que o acadêmico escolhesse o grupo no qual gostaria de realizar a intervenção (crianças, adolescentes, adultos, idosos etc.) e elaborasse material com as justificativas teóricas para a sua escolha. Nesse módulo, deveria ser definida a maneira como o aluno levaria



o conhecimento à população escolhida, o detalhamento do local de trabalho e a forma de apresentação da proposta (conforme viabilidade, justificando pedagogicamente sua escolha). Ao chegar ao módulo III, caberia aos acadêmicos a construção de recurso/material didático e a apresentação ao professor e aos colegas na plataforma Zoom em data previamente definida. No módulo IV, visando a explorar a relação entre a higiene e o contexto de infecções do novo coronavírus, os grupos ficaram responsáveis por construir um material teórico, didático e pedagógico (voltado ao público universitário e à comunidade externa), abordando a relação entre a prevenção da infecção parasitária escolhida e a prevenção da Covid-19. Por fim, no módulo V, o universitário deveria confeccionar o relatório final.

Apesar do contexto vivenciado por todos, a adesão dos acadêmicos foi unânime, e os grupos apresentaram professores, colegas, bolsista e comunidade acadêmica com uma variedade de materiais de altíssima qualidade: músicas, desenhos, quadrinhos, jogos e vídeos a serem apresentados à comunidade quando retornassem as atividades. Materiais multimídia foram devidamente enviados à extensão universitária da UFCSPA, e vídeos encontram-se disponíveis em plataformas virtuais atualmente, como o YouTube.

De acordo com Boia *et al.* (2006), o tratamento em massa pode auxiliar o controle das enteroparasitoses, porém ações governamentais em infraestrutura e em educação são essenciais para uma redução sustentada das prevalências dessas infecções. Assim, durante o desenvolvimento deste projeto, os acadêmicos, ao mesmo tempo que aprendem o conteúdo da disciplina de parasitologia, aplicam esse aprendizado, melhorando a realidade de vida de um grupo social, compartilhando o conhecimento e atuando na vida das pessoas. Muito importante neste contexto, os profissionais em formação se tornam progressivamente mais humanizados e conscientes da magnitude de seus papéis no cuidado e no amparo dos seus iguais.

## REFERÊNCIAS

AMOR, M. L. A. *et al.* Palestras lúdicas e interativas com a comunidade e demonstrações audiovisuais: estratégias de educação participativa para o ensino da parasitologia. *In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DO NORDESTE*, 1., 2003, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2003.

BOIA, M. N. *et al.* Tratamento em massa para controle das helmintíases intestinais em área endêmica na Amazônia Brasileira. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 48, n. 4, p. 189-195, 2006.

GURGEL, R. Q. *et al.* Creche: ambiente expositor ou protetor nas infestações parasitárias intestinais em Aracajú, SE. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 38, n. 3, p. 267-269, 2005.

KRUSCHEWSKY, E. J. *et al.* Experiências pedagógicas de educação popular em saúde: a pedagogia tradicional versus a problematizadora. **Revista Saúde.Com**, v. 4, n. 2, p. 160-176, 2008.



# **OFICINA DE ANATOMIA AOS PROFESSORES DA REDE ESCOLAR PÚBLICA: O QUE É POSSÍVEL FAZER?**

*Maria Paula Oliveira de Moraes*

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez*

*Renata Padilha Guedes*

O ensino nas escolas públicas é sempre desafiador, e as dificuldades são muitas, desde condições precárias de infraestrutura, escassez de insumos para o funcionamento da escola, até vulnerabilidade econômica e social dos estudantes, especialmente nas regiões mais periféricas. Os professores da rede pública são verdadeiros heróis que se dispõem a trabalhar em condições adversas e, muitas vezes, veem seu trabalho desvalorizado, com uma remuneração incompatível com sua relevância. Apesar de tantas adversidades, os educadores seguem firmes em seu propósito e buscam constante aprimoramento de suas práticas.

O projeto *Oficina de Anatomia aos Professores da Rede Escolar Pública* está em atividade desde 2014 na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), e, a partir desta ação de extensão, a instituição tem a possibilidade de dialogar com esses

docentes. O objetivo do projeto é o desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino sobre o corpo humano nas escolas, além de uma atualização de conteúdos nessa temática. A divulgação do projeto ocorre por convite enviado por *e-mail* a escolas da rede pública, e os professores interessados se inscrevem pelo SIEX (Sistema de Extensão da UFCSPA).

São feitos encontros aos sábados do segundo semestre do ano letivo (o primeiro semestre destinamos para treinamento dos alunos e preparo dos materiais) na UFCSPA, que contam com uma carga horária de 40 horas, em que se fazem rodas de conversa e oficina prática no laboratório de anatomia. Porém, em todas suas edições, a oficina oportunizou muito mais do que isso: a interação entre a equipe extensionista (atualmente composta por aluna do curso de Biomedicina e aluna da Pós-Graduação em Biociências da UFCSPA e professoras de Fisiologia e Anatomia da instituição) e os participantes (professores da rede escolar pública) vem estabelecendo um ambiente extremamente rico de troca de experiências. O foco inicial dos encontros é sempre um tópico relacionado ao corpo humano: sistema nervoso, urinário, reprodutor, esquelético etc. Contudo, à medida que os conteúdos vão sendo apresentados, os professores compartilham situações de sua vivência nas escolas, que incluem dificuldades de engajamento dos alunos ou de execução de atividades diversificadas, mas, acima de tudo, soluções extraordinárias para ultrapassar todas as barreiras que se apresentam durante esse processo. Dessa forma, nos encontros dos extensionistas com os professores da rede pública que participam da oficina de anatomia, aprendemos infinitamente mais do que ensinamos. Como via de mão dupla e objetivo da extensão universitária, observamos que o aprendizado é ampliado entre acadêmicos e professores da UFCSPA, com base nos diálogos estabelecidos com os professores das escolas. Assim, o grande diferencial das ações da Oficina são o encontro, a proximidade e a grande interatividade entre universidade

e docentes das escolas. Como manter o projeto “vivo” neste momento delicado de distanciamento físico?

Desde o início da pandemia da Covid-19, tentamos manter contato, por meio do WhatsApp, com um grupo de 30 professores que participaram da última edição da Oficina (em 2019). Nossas ações precisaram ser ajustadas, pois, quando estaríamos planejando e elaborando as atividades que seriam apresentadas a um novo grupo de docentes, para a edição de 2020, tivemos que repensar nossas práticas. Considerando as diversas informações errôneas e sem base científica que passaram a ser veiculadas principalmente nas mídias sociais, pensamos que o papel da universidade de democratizar o conhecimento poderia ser aplicado junto aos professores da rede pública. Por isso, passamos a desenvolver materiais explicativos sobre a Covid-19.

Iniciamos com informes a respeito dessa nova doença: esclarecimentos sobre o público mais afetado e as medidas de prevenção, com base nas informações divulgadas pelo Ministério da Saúde. Utilizamos materiais didáticos produzidos pelo perfil “Nunca vi um cientista” (que pode ser encontrado em redes sociais) para ilustrar tópicos pontuais, como a correta utilização de máscara. Dando seguimento, criamos o personagem “Alcogélson”, que, em quadrinhos, dialoga com “Sabonélson” sobre indicações do uso correto de máscara e da higiene das mãos, assim como dá dicas de exercícios, sempre com enfoque na saúde, na segurança e no bem-estar. A forma lúdica de apresentar esses temas teve por objetivo atingir o público escolar. Ainda, criamos material informativo sobre o que os pais precisam saber e fazer com as crianças durante a pandemia, com sugestões de atividades e orientações de prevenção e atenção aos sinais e aos sintomas da doença. Os materiais produzidos também foram utilizados pelo projeto de extensão *Apoiando e educando famílias de pessoa com deficiência* da Universidade, que atende um público diferente do nosso: cuidadores de pessoa com deficiência. Esse projeto parceiro veiculou

o material desenvolvido por nós no grupo de WhatsApp que mantém com esses familiares cuidadores, ampliando nossas ações de extensão neste período de pandemia.

Na edição de 2019, foram criadas páginas da *Oficina de Anatomia aos Professores da Rede Escolar Pública* nas redes sociais Facebook e Instagram, com a finalidade de divulgar informações referentes ao período do curso, bem como às atividades que foram desenvolvidas em conjunto aos professores participantes. Com a pandemia, essas páginas foram utilizadas para a divulgação destes materiais informativos que elaboramos. Também foi possível acompanhar o engajamento das pessoas com as publicações. O primeiro informe, de acordo com dados obtidos do Facebook, obteve alcance de 208 pessoas. A série do “Alcogélson”, por sua vez, gerou alcance de 7,5 mil pessoas. Além das redes Facebook e Instagram, os materiais foram divulgados no grupo de WhatsApp da Oficina, a partir do qual os professores poderiam compartilhar com seus contatos, especialmente aqueles associados à comunidade escolar. Dessa forma, foi possível ampliar ainda mais o alcance de informações relevantes e baseadas em evidências científicas. Ainda, os extensionistas respondem dúvidas quanto ao material que foi desenvolvido.

Apesar de tantos esforços para a manutenção do projeto neste período, é necessário relatar que a continuidade das ações de forma remota vem encontrando algumas dificuldades. A primeira delas é a disponibilidade de tempo. De maneira geral, o trabalho remoto consome uma parcela de tempo muito maior do que a realização das atividades de forma presencial. Esse fenômeno já vinha ocorrendo desde que o telefone celular se tornou imprescindível ao trabalho, mesclando o tempo de trabalho com o tempo fora dele, e o distanciamento físico na pandemia da Covid-19 apenas intensificou essa situação. Soma-se o fato de que, além do trabalho remoto, neste momento, as crianças estão em casa com suas famílias, então, mães e pais precisam conciliar

seu trabalho e ainda cuidar das crianças e das tarefas domésticas. Outro fator a ser considerado é a saúde mental nos tempos de pandemia. A sobrecarga de tarefas, associada às restrições de interação física/social, vem impactando a saúde mental da nossa equipe, o que dificulta a continuidade de ações do projeto.

Além disso, a situação dos professores da rede pública é muito delicada neste momento. Se, no ensino superior, temos estudantes em situação de vulnerabilidade econômica, na educação básica, esse número é absurdamente maior. Com base em relatos dos docentes no grupo de WhatsApp da Oficina, observa-se que eles vêm enfrentando diversos problemas. Desde o início da quarentena, os professores foram orientados a usar plataformas de ensino à distância, porém sem o devido treinamento – e os cursos de capacitação, quando oferecidos, não atendiam às necessidades docentes e acabavam sendo usados apenas como uma ferramenta para registro de efetividade. Ainda, a partir do estabelecimento de atividades à distância, o canal de comunicação dos alunos com os professores passou a se concentrar no WhatsApp. No entanto, segundo seus relatos, os professores acabam ficando sobrecarregados pelo grande fluxo de mensagens a serem respondidas por esse meio. Utilizando-se desse aplicativo de trocas de mensagens, muitos alunos passaram a comunicar aos professores sobre suas limitações, sejam elas econômicas ou afetivas. Houve um relato de aluno com ideia suicida por problemas familiares que se intensificaram no período da pandemia. Nesse caso e em vários outros, os docentes sempre se colocaram à disposição para ajudar os estudantes em suas questões pessoais, porém, esse grau de envolvimento acaba afetando a saúde mental deles, que também têm suas histórias, suas limitações e suas aflições. Das angústias relatadas pelos docentes, as mais recorrentes são sobrecarga e incerteza, dificuldade de acesso à Internet e falta de equipamentos adequados, além de medo do retorno presencial, já que as escolas não têm estrutura adequada,



pessoal suficiente e insumos para garantir o cumprimento de todos os protocolos de biossegurança necessários neste período de pandemia. Embora não seja o objetivo do projeto, o grupo de WhatsApp de professores com os extensionistas, neste momento, pode estar atuando como uma plataforma de apoio mútuo.

Em reuniões com nossa equipe, pensamos em propor a realização de atividades remotas da Oficina, mas, com base em todo este panorama, concluímos que a adesão dos professores a atividades adicionais, além das previstas em suas jornadas de trabalho nas escolas, seria muito baixa. Assim, na conjuntura atual, tanto a equipe executora como o público-alvo do projeto se encontram em uma condição de sobrecarga, o que inviabiliza a continuidade do projeto enquanto estivermos em situação de distanciamento físico. Contudo, entendemos que isso não significa o encerramento do projeto, mas um momento de dar um passo para trás, repensar, planejar o futuro e cuidar de nossa saúde física e mental. Em um cenário de possibilidade de retomada com segurança, iremos reiniciar nossas atividades presenciais e prosseguir dialogando e aprendendo muito com os professores da rede escolar pública, que tanto nos inspiram para seguirmos nossa caminhada na educação.

## **IMPACTAMOS DISCENTES FAZENDO EXTENSÃO?**

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez*

*Larissa Vitória da Silva*

*Sandy Borges Cardoso*

*Victória Machado de Albuquerque*

*Iury Mergen Knoll*

*Alethéa Gatto Barschak*

Nosso projeto de extensão se intitula *Apoiando e educando as famílias de pessoa com deficiência*, pertencente à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). O objetivo dele é trabalhar quinzenalmente os temas de educação em saúde, autoestima, autocuidado e assuntos elencados de interesse das famílias de pessoa com deficiência (PcD), para estimular o bem-estar em suas vidas. Este projeto nasceu por enxergarmos, nessa população, uma comunidade desatendida, invisível à sociedade, que age na realidade de seus cotidianos cuidando de seus entes de forma completamente silenciosa e esquecida de suas próprias necessidades. Assim, em 2017, propusemos aos cuidadores de PcD que aguardavam o atendimento de seu ente

cuidado no Educandário - Centro de Reabilitação São João Batista, no município de Porto Alegre/RS, que participassem do nosso projeto nesse período ocioso. Trabalhamos com 15 cuidadoras de baixa renda e escolaridade. Utilizam-se como ferramentas metodológicas oficinas, rodas de conversa e dinâmicas em sala da própria instituição parceira, o que permite a troca de saberes entre todos. O projeto é coordenado por duas professoras farmacêuticas. Ao final do ano de 2019, terminou o ciclo dos extensionistas que trabalhavam conosco, e chegaram quatro novos discentes que vieram compor nossa equipe, oriundos dos cursos de Farmácia, Física Médica, Biomedicina e Psicologia.

No início de março de 2020, reiniciamos nossas atividades presenciais junto às cuidadoras no Educandário. Nesta oportunidade, desenvolvemos com elas uma dinâmica sobre a conexão existente entre todos nós, seres humanos, como forma de fortalecer nossos laços e a união do grupo. Apresentamos às mães os novos extensionistas e iniciamos mais um ano de trabalho com as cuidadoras, um ano que seria especial e cheio de expectativas boas e calor humano. Saímos de lá muito satisfeitos com a ação desenvolvida, os alunos empolgados pelo primeiro dia deles como extensionistas, querendo conhecer cada mãe, conversar com cada uma, entender suas dores e alegrias... Já saímos planejando como seria nosso próximo encontro, conversando sobre os temas que as mães haviam escolhido para serem abordados durante o ano e... Antes que pudéssemos ir novamente trabalhar com elas presencialmente, a pandemia chegou. Ainda em março de 2020, a Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul confirmou os primeiros casos de SARS-CoV-2 na capital gaúcha. Em seguida, a UFCSPA anunciou a suspensão do calendário acadêmico. No entanto, as atividades gerais da universidade deveriam continuar, por meio de trabalho remoto, para garantir o isolamento físico e a diminuição do contágio. Isso incluía a extensão universitária. E agora? Não poderíamos mais vê-las presencialmente?

Como participamos de um grupo de trocas de mensagens por celular (WhatsApp) criado por elas, prontamente as mães começaram a questionar como ficaria o trabalho que vínhamos desenvolvendo. Efetivamente, passamos a imaginar como fazer isso, mas a solução acabou ocorrendo naturalmente. Nosso projeto de extensão passou por adequações, e conseguimos dar seguimento ao trabalho desenvolvido junto às famílias de PcD pelo próprio aplicativo de trocas de mensagens por celular. Em pouco tempo, as mães nos faziam perguntas relativas à Covid-19 ou a outros assuntos, isto é, a demanda surgiu delas. Começamos a trabalhar com os alunos por reuniões via Web ou WhatsApp, e foram produzidos *cards*, textos e vídeos para postagem com temas sugeridos pelas famílias e pela equipe extensionista. Também foi criado um Instagram do projeto neste período. Todo o material postado, em ambas as redes sociais, versa sobre educação em saúde, autoestima e autocuidado direcionado às cuidadoras, que são o foco deste projeto.

Ao mesmo tempo que cuidamos do bem-estar das mães, no nosso grupo de WhatsApp, tínhamos a preocupação de cuidar dos nossos alunos. Nossas conversas com eles, neste período de pandemia, não se restringiam à produção de material; muitas vezes, os alunos compartilharam seus sentimentos conosco. Embora já relatado que o trabalho desenvolvido pelo projeto contribui para o bem-estar das cuidadoras de PcD (SARAIVA *et al.*, 2019; GUTIERREZ *et al.*, 2019), será que o projeto impactou de alguma forma nossos alunos extensionistas neste período de pandemia?

Assim, neste capítulo, trazemos um pouco dos sentimentos dos alunos em relação ao projeto, para ser compartilhado com vocês. De março a agosto de 2020, as aulas estavam suspensas na UFCSPA, e os alunos relataram ter sido muito importante participar do projeto neste período de pandemia por muitos motivos. Um deles

foi a oportunidade de aprofundar os conhecimentos aprendidos na Universidade. Recolhemos frases como:

“Foi muito importante estar na extensão durante a suspensão das aulas, pois o projeto propicia o meu contato com o ensino. Por exemplo, na preparação de materiais em que necessitamos ler vários artigos, procurar fontes confiáveis, montar conteúdos que, além de educativos, têm que ser interessantes. Tudo isso fez com que tivéssemos contato com o ensino e a pesquisa, que são áreas necessárias para a construção do nosso perfil acadêmico.”

“A gente estuda para construir e ensinar, é um ciclo que se repete e beneficia tanto nós, extensionistas, como as mães.” “Podemos ensinar as mães e abordar assuntos que aprendemos na UFCSPA, por exemplo, os materiais de diabetes, hipertensão, dislipidemias que desenvolvemos. *Tudo isso aprendemos durante a graduação e podemos levar para a vida das mães* de forma clara e resumida, para que elas saibam a devida importância de cada material.” (grifo da discente).

“Fazer parte de um grupo de extensão me ajudou, tanto para o meu aprendizado constante, num processo de evolução e amadurecimento, como para o sentimento de fazer algo bom para quem precisa.”

“Todos os materiais elaborados me proporcionaram aprendizado e fixação de conteúdos que aprendi na graduação, assim como me fizeram sentir ligada à Universidade por poder compartilhar os conhecimentos adquiridos nela.”

Além disso, os discentes referiram estar preocupados com a compreensão das cuidadoras quanto aos temas trabalhados, já demonstrando o desenvolvimento de empatia, por meio de frases como:

“Queremos estudar e ler diversos artigos, procurar artigos bons e confiáveis, traduzi-los, pegar de cada artigo a ideia principal e reescrevê-la de forma simples, para que as mães consigam entender a informação.”

“Como futura profissional da saúde, poder levar a outras pessoas informações e materiais com comprovação científica faz eu me sentir bem e útil.”

“Muito bom fazer meu papel como futura profissional da saúde, orientando a população sobre os cuidados à saúde de um modo geral e os cuidados a serem tomados em relação à Covid-19.”

“Participar do grupo de extensão, após as aulas serem suspensas, ajudou a adquirir novos conhecimentos, bem como novas formas de abordá-los para as mães compreenderem assuntos tão complexos.”

Os alunos também nos trouxeram suas preocupações relacionadas aos seus papéis sociais e ao seu amadurecimento enquanto pessoa, que podem ser vistas nas frases:

“O projeto tem feito eu me sentir útil na questão de levar o conhecimento para as pessoas que não têm acesso nem tempo para pesquisar fontes confiáveis e informações sobre os mais diversos assuntos demandados pelas mães.”

“Sinto que estou fazendo o bem quando ensinamos as mães a terem autocuidado, interesse em si mesmas e quando elas nos contam o bem que fazemos na vida delas.”

“Durante esta pandemia, poder de alguma forma fazer a diferença é gratificante.”

“Poder estar em contato diário com as mães do projeto e participar da rede de apoio delas me proporciona uma experiência única e me ajuda a proporcionar reflexões sobre a saúde mental, visando a mantê-la saudável.”

“Acredito que, nestes tempos de pandemia e isolamento social, para mim, foi muito importante realizar as atividades e as ações do projeto, mesmo que à distância, por sentir que estou fazendo uma boa ação e orientando quem precisa.”

“Está sendo muito gratificante para mim durante o período de isolamento físico poder passar para outras pessoas os conhecimentos adquiridos na faculdade. Dessa forma, estamos retribuindo nosso dever como estudantes da universidade e como cidadãos.”

Assim, em realidade, além desta experiência de poder trabalhar no nosso projeto com as cuidadoras de forma remota, é gratificante para nós, coordenadoras do projeto, ver nossos alunos crescerem em tantos aspectos diferentes. Terminamos este capítulo trazendo a frase de nossa aluna, sobre a visão que ela tem em relação ao trabalho que desenvolvemos:

“É gratificante sentir o carinho das cuidadoras, tanto pessoalmente como no WhatsApp, e a gratidão que elas sentem quando demonstramos interesse e enviamos materiais. É impossível não se sentir uma pessoa melhor observando o impacto que causamos na vida de cada uma delas.”

## REFERÊNCIAS

GUTIERREZ, L. L. P. *et al.* Educação em saúde junto a cuidadores de pessoas com deficiência em um centro de reabilitação no município de Porto Alegre/RS. *In: SILVA NETO, B. R. (org.). A Produção do Conhecimento nas Ciências da Saúde 4.* Belo Horizonte: Atena Editora, 2019. p. 72-76.

SARAIVA, A. C. A. *et al.* Experiência extensionista no desenvolvimento de metodologias em educação em saúde junto a cuidadoras de pessoa com deficiência. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 10, n. 3, p. 101-108, 2019.

# **TECNOLOGIAS INCLUSIVAS E SUSTENTÁVEIS DE TINGIMENTO COM VISTAS À GERAÇÃO DE RENDA**

*Rita de Cassia dos Reis Schmidt*

*Henrique Carvalho de Andrade*

*Pedro Henrique Mirapalbeta Jacques*

*Jhonathas Willyam de Oliveira Fernandes*

*Marla Narciso Godoi Biajoli*

*Simone Schneider Amaral*

*Ângela de Mattos Dutra*

*Cristine Souza Goebel*

*Ana Cristina Borba da Cunha*

O projeto de extensão da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) intitulado *Tecnologias sustentáveis de tingimento visando à inclusão de jovens (IMIGRANTES/BRASILEIROS) em situação de vulnerabilidade, utilizando estratégias de economia popular e solidária com vistas à geração de renda* iniciou no ano de 2019 e continua vigente em 2020. O projeto tem como objetivo ensinar técnicas de tingimento de tecidos com corantes naturais a crianças



e a jovens com o intuito de incentivar atividades empreendedoras que possibilitam a geração de renda por meio de metodologias ambientalmente adequadas, fazendo uso de produtos naturais como matéria-prima, minimizando a geração de resíduos tóxicos. Essa estratégia, além de trabalhar de forma sustentável, proporciona aos participantes a possibilidade de inserção no mercado de trabalho, utilizando tecnologias inovadoras com baixo custo agregado para a produção. As características das técnicas apresentadas ao público-alvo são de extrema importância, pois provocam nesse o uso da criatividade na solução de problemas, a noção básica sobre mercado de trabalho e o pensamento sustentável.

O projeto é desenvolvido nas Aldeias Infantis SOS, na filial de Porto Alegre, com o objetivo de englobar crianças e jovens (brasileiros e imigrantes venezuelanos) acolhidos na unidade. As Aldeias Infantis SOS atuam com a finalidade de mudar a realidade de milhões de crianças e de adolescentes em situação de vulnerabilidade, por meio de projetos que visam à formação profissional, à inserção no mercado de trabalho e à execução de atividades educativas. Atualmente, as Aldeias Infantis SOS estão acolhendo famílias de imigrantes venezuelanos, que estão migrando para o Brasil desde 2015, em razão da crise política e socioeconômica que se apresenta na Venezuela, acarretando suas saídas em busca de refúgio em outros países (ALDEIAS INFANTIS SOS, 2019). Sendo assim, o projeto de extensão relaciona diretamente a comunidade interna e externa da universidade, e os conhecimentos são compartilhados entre os extensionistas e o público-alvo, o que traz benefícios para ambos. Esse processo auxilia os discentes em sua formação acadêmica, o que é imprescindível para o desenvolvimento de um profissional cidadão, dotado de valores e competências para enfrentar o mercado de trabalho com habilidades tecno-científicas e postura crítica e ética.

No ano de 2019 – início do projeto de extensão –, foi possível realizar diversas atividades juntamente aos participantes nas Aldeias Infantis SOS. Foi organizado um primeiro acolhimento com lanches preparados pela equipe executora do projeto, que foram distribuídos ao público-alvo, buscando-se fazer o acolhimento e promover a socialização entre todos. Essa atividade ocorreu por meio de conversas com os jovens e os adultos e de brincadeiras com as crianças, além de uma pequena palestra em português e espanhol, com linguagem clara e simples, apresentando os objetivos do projeto.

Após a integração dos participantes com a equipe extensionista, foram marcadas visitas às Aldeias Infantis SOS para a execução das oficinas de tingimento. As oficinas foram realizadas com linguagem simples e clara para o melhor entendimento de todos. O envolvimento do público-alvo e alguns relatos recebidos nos certificaram de que as atividades realizadas “plantaram uma semente de empreendedorismo” no grupo.

No ano de 2020, devido à pandemia mundial pelo SARS-CoV-2 decretada pela Organização Mundial da Saúde, não foi possível realizar nenhuma atividade presencial prevista nas Aldeias Infantis SOS. Entretanto, a partir do início do decreto de isolamento físico, a equipe executora inovou com a ideia de criação de cartilhas on-line com metodologias de tingimento, uma em língua portuguesa e outra em língua espanhola, intituladas “Brincado com as cores” e “*Jugando com los colores*”. As cartilhas apresentam as técnicas de tingimento em linguagem lúdica e de fácil acesso, para que crianças e adolescentes possam reproduzi-las de forma divertida. Com a produção das cartilhas, foi possível resgatar alguns conceitos cruciais para o desenvolvimento do projeto, além de trabalhar propostas de atividades que fossem reprodutíveis. Pôde-se, ainda, manter as atividades de extensão, mesmo que remotamente, no momento de grande dificuldade vivido atualmente.

Outro trabalho desenvolvido durante a pandemia foi a produção e a publicação de artigo intitulado *Tecnologia sustentável de tingimento de tecidos visando ao controle de resíduos tóxicos, considerando a avaliação de estratégias para a geração de renda*, referente ao trabalho apresentado no Congresso Regional da Sociedade Brasileira de Química (SBQ- Sul), em Caxias do Sul/RS. Com o trabalho apresentado no congresso em novembro de 2019, recebemos um convite para publicação do artigo na revista *Brazilian Journal of Development*. Visto que, em meio à pandemia, já tínhamos todos os materiais e os resultados necessários para a produção do artigo, assim o fizemos, com recebimento dos originais em 08/06/2020, aceitação para publicação no dia 09/07/2020 e DOI: 10.34117/bjdv6n7-190.

Ainda há outros trabalhos em andamento, um deles é a produção de um *e-book* com todos os conceitos envolvidos no projeto: tingimento, geração de renda, inclusão social e sustentabilidade. O *e-book* visa à divulgação das técnicas de tingimento natural, para futura utilização dos participantes do projeto e da comunidade interna e externa da UFCSPA.

## REFERÊNCIAS

ALDEIAS INFANTIS SOS. **Porto Alegre | Rio Grande do Sul**. 2019. Disponível em: <https://www.aldeiasinfantis.org.br/conheca/onde-estamos/no-brasil/porto-alegre>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SCHMIDT, R. C. R. *et al.* Tecnologia sustentável de tingimento de tecidos visando ao controle de resíduos tóxicos, considerando a avaliação de estratégias para a geração de renda. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 44743-44759, 2020.

# PROMOÇÃO DA SAÚDE DOS ADOLESCENTES

*Kellen Cristina Araujo*

*Aline Correa de Souza*

*Alessandra Dartora da Silva*

*Alisia Helena Weis*

A adolescência compreende um momento de intensas transformações individuais, sejam elas relacionais, físicas, sociais e culturais, do próprio processo de desenvolvimento humano (SENNÁ; DESSEN, 2015). Podem, ainda, estar vinculadas à relação de dependência com a família, à escolha de um projeto de vida, à inserção no mercado de trabalho, articuladas à reorganização de identidade e de papéis sociais. Em decorrência dessas características, que podem acarretar mudanças no comportamento dos adolescentes, percebe-se o quanto essa fase deve ser valorizada e considerada de modo especial, pois se trata de um grupo de grande vulnerabilidade, com distinta exposição a fatores de risco (ARAÚJO *et al.*, 2008).

Historicamente, existe certo distanciamento entre os adolescentes e os serviços de saúde, assim como dificuldades das

equipes de saúde em acolhê-los, particularmente na atenção primária à saúde. Os adolescentes pouco utilizam os serviços para prevenção e para promoção da saúde, limitando a procura a ações curativas e individuais. Por muito tempo, adolescentes foram considerados um grupo populacional saudável, com menor risco de adoecimento e de morte. Entretanto, o aumento das taxas de morbimortalidade, devido a causas externas, complicações relacionadas à gravidez, infecções sexualmente transmissíveis e fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis, demanda iniciativas para além dos espaços dos serviços de saúde. Entende-se a escola como o espaço oportuno para o oferecimento de ações de promoção da saúde, de prevenção de doenças e agravos e de acompanhamento individual e coletivo, pela universidade aos adolescentes. Essas ações são de abordagem integral e longitudinal, com a finalidade de contribuir para melhores condições de vida e de saúde na idade adulta. Com isso, delimitou-se, como objetivos do nosso projeto de extensão intitulado *Promoção da Saúde dos Adolescentes* da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), desenvolver atividades de promoção à saúde e de prevenção de doenças e agravos e acompanhamento da saúde do adolescente, individual e coletiva, nas escolas e possibilitar acesso do adolescente aos serviços de atenção primária à saúde, por meio da integração com as equipes de saúde. O projeto atende adolescentes das escolas vinculadas às unidades de saúde pertencentes ao Distrito Docente Assistencial da UFCSPA (área de atuação da Universidade, demarcada pela prefeitura de Porto Alegre, localizada na Zona Norte do referido município). Em decorrência da pandemia da Covid-19 e da suspensão do calendário acadêmico no Rio Grande do Sul – incluindo as atividades presenciais de extensão –, foram exigidas adaptações da proposta metodológica do projeto. Em um primeiro momento, materiais sobre uso de máscaras, sobre isolamento domiciliar e dúvidas frequentes foram elaborados

com linguagem simples, voltados à população geral e adolescente, divulgados por meio das redes sociais.

O agravamento do cenário de pandemia e as incertezas acerca das atividades presenciais demandaram outras modificações: se antes a prioridade da escolha temática era dada aos adolescentes, agora foi preciso utilizar este período para o planejamento das intervenções nas escolas. A realização de uma revisão integrativa foi, então, a alternativa escolhida para a obtenção de embasamento científico ao pensar o delineamento das intervenções. Por conta disso, a revisão teve por objetivo conhecer e sintetizar a produção científica sobre tecnologias educacionais para abordagens em saúde com adolescentes. Em sua totalidade, de acordo com a combinação dos termos, foram encontrados 1.267 artigos. Ao refinar a busca, restaram 312 artigos, dos quais apenas 40 foram selecionados pelos resumos; por fim, 15 artigos compuseram a seleção do estudo. Dentre os principais achados, destacaram-se o desenvolvimento e a utilização de jogos, tecnologias educativas, *softwares* e vídeos (FERREIRA *et al.*, 2016; ALCANTARA, 2019; SHINA, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Os resultados da revisão integrativa estão sendo utilizados para a elaboração de um manual de atividades para a promoção da saúde dos adolescentes. As intervenções estão categorizadas em blocos, por exemplo, biológico, social e mental, nos quais haverá ao menos três atividades, com a definição da metodologia educativa selecionada. Embora haja tal divisão, não será preciso, necessariamente, seguir na prática a mesma ordem do material. Vale ressaltar que a criação do manual, pela equipe do projeto, neste momento, não excluirá a participação dos adolescentes em tempo oportuno, para compor a etapa de pré-teste.

Entende-se que o principal desafio da equipe do projeto de extensão seja a dificuldade de interagir, neste momento, diretamente com o público-alvo, isto é, com os adolescentes vinculados às unidades

de saúde da Zona Norte de Porto Alegre que vivenciam uma realidade vulnerável e com meios digitais insuficientes para os alcançar. A limitação está em encontrar alternativas para que se possa disseminar o conhecimento acadêmico, trocar experiências e, principalmente, articular saberes – ou seja, ter como fundamento, além da relevância das informações em si, a diversidade sociocultural dos envolvidos.

Contudo, o processo educativo e de construção de alternativas desenvolvido até aqui, de forma remota, vem capacitando extensionistas e docentes para abordagem com o adolescente escolar, a partir do conhecimento de tecnologias educativas que deram certo e que são encontrados na literatura científica. Além disso, a construção de um arcabouço teórico permitirá maior compreensão sobre múltiplos fatores implicados no ser adolescente. Em prática, a posteriori, associado ao contexto cultural do adolescente, a inserção de discentes e de docentes da universidade, sensíveis a compreendê-los e a realizar atividades condizentes com as demandas, irá contribuir com melhorias na qualidade de vida dos adolescentes na perspectiva da promoção da saúde.

## REFERÊNCIAS

ALCANTARA, C. M. *et al.* Tecnologias digitais para promoção de hábitos alimentares saudáveis dos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 2, p. 513-520, 2019.

ARAÚJO, A. *et al.* Da tendência grupal aos grupos operativos com adolescentes: a identificação dos pares facilitando o processo de orientação e educação em saúde. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 18, p. S123-S130, 2008.

FERREIRA, A. S. *et al.* Validação de um material educativo como ferramenta pedagógica para adolescentes sobre iniciação sexual. **Revista de enfermagem UFPE on-line**, v. 10, n. 5, p. 4412-4415, 2016.

OLIVEIRA, J. F. *et al.* Efeito de softwares educativos em adolescentes. **Revista de enfermagem UFPE on-line**, v. 12, n. 11, p. 3078-3088, 2018.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Reflexões sobre a saúde do adolescente brasileiro. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 16, n. 2, p. 217-229, 2015.

SHINA, Y. J. *et al.* Entertainment–Education Videos as a Persuasive Tool in the Substance Use Prevention Intervention “keepin’ it REAL”. **Health Communication**, v. 33, n. 7, p. 896-906, 2018.





# **CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS COMPLEMENTARES ÀS AÇÕES EXTENSIONISTAS NO COMBATE AO TABAGISMO**

*Lucas Gabriel dos Anjos Ferreira*

*Gabriela Solano de Oliveira*

*Rafaela Ferraz Brito*

*Andriane Monteiro Vieira*

*Rasna Rodrigues Vasques*

*Emily Viega Alves*

*Marcia Angelica Peter Maahs*

*Cibele Cristina Boscolo*

*Deisi Cristina Gollo Marques Vidor*

Há anos, o tabagismo ocupa a posição de principal causa de morte evitável em todo o mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019; PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2018). Anualmente, cerca de 8 milhões de pessoas morrem devido ao consumo do cigarro ou à convivência com o hábito (PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2018). Entre as 10 principais causas de

mortalidade, o tabagismo está relacionado a seis (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018). Vários setores da sociedade têm se unido à área da saúde para evitar que a população ingresse no hábito tabágico, por meio de leis e propagandas que desencorajam o consumo do cigarro, apontando seus malefícios (BRASIL, 2016). Apesar disso, dados estatísticos revelam alta prevalência de fumantes no mundo (PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2018) e um aumento de consumo pelos jovens (MALCON et al., 2003), que entram no vício cada vez mais cedo (HALLAL et al., 2009).

Além das consequências nefastas à saúde, o hábito tabágico repercute em diferentes âmbitos da vida do fumante. As substâncias nocivas presentes no cigarro afetam as funções biológicas do corpo, desenvolvendo desde patologias corporais a impactos transgeracionais (MASSAGO; DWORAK, 2018), bem como afetam aspectos de ordem cognitiva, mental e social (JESUS et al., 2016). Dessa forma, a atuação no combate ao tabagismo deve ser interdisciplinar, com cada área contribuindo com seus conhecimentos específicos no sentido de convencer o indivíduo a largar ou a não iniciar o consumo do tabaco. No âmbito fonoaudiológico e odontológico, podemos encontrar, dentre os acometimentos causados pelo cigarro, aqueles que afetam estruturas e funções mais específicas, como as pregas vocais, a musculatura da face, os dentes, o periodonto, que, conseqüentemente, interferem na respiração, na deglutição, na fonação e na sucção (CAVICHIOLO et al., 2019).

Foi com base nesses pressupostos que foi organizado, em 2009, o projeto de extensão Promoção da saúde bucal e fonoaudiológica no combate ao tabagismo pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Seu objetivo principal sempre foi o de conscientizar tanto a população quanto os profissionais de saúde sobre os malefícios do cigarro, por meio da disseminação de informações sobre o tema. A proposta do projeto prevê atuação mais próxima à

população, dando ênfase a aspectos nem sempre observados pelas grandes ações de combate ao tabagismo, mas que afetam diretamente o cotidiano dos indivíduos fumantes, como a presença de dentes amarelados, mau hálito, alterações de pele que levam ao aparecimento de rugas e marcas de expressão, mudanças vocais, entre outros. Apesar de tais acometimentos não descreverem riscos graves à população, sabe-se que são características de um mesmo processo que leva, em última instância, a desfechos fatais, mas que, por se apresentarem de forma mais corriqueira na vida das pessoas, denotam maior poder de persuasão para o início do processo de tratamento/convencimento.

O projeto realiza ações na Unidade Básica de Saúde (UBS) Ramos, na Escola Municipal Governador Ildo Meneghetti e na própria UFCSPA. O trabalho realizado na unidade de saúde consiste em conversa em sala de espera com a população atendida e levantamento de suas expectativas a respeito de como as estruturas de saúde podem auxiliar no combate ao hábito, além de informações que balizam as demais ações do projeto. Na escola, a proposta atua em duas frentes: com os adolescentes, levando informações a respeito dos malefícios do cigarro, com vistas a combater o consumo de tabaco entre os jovens; e com as crianças do primeiro ciclo, que se tornam “agentes de combate ao cigarro” na família e na sociedade. Na UFCSPA, as ações de prevenção têm dupla função: conscientizar sobre a cessação do hábito tabágico e refletir sobre a temática no contexto da formação acadêmica. No que se refere à reabilitação, o projeto, desde 2019, trabalha com um grupo de fumantes na UBS Ramos, em parceria com os profissionais de saúde locais.

Diante desse cenário, é possível compreender o impacto que a pandemia da Covid-19 trouxe para as ações do projeto, dadas as condições de isolamento físico impostas pela situação desde março de 2020. Neste contexto, o projeto se voltou à indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, com enfoque na aprovação de projetos

de pesquisa que pudessem complementar as ações de extensão e na construção de materiais para o ensino, por meio da parceria com o Programa de Iniciação à Docência (PID) *Construção de conhecimentos clínicos sobre o uso de tabaco no campo da fonoaudiologia com base em estudos de evidência*. Além dessas atividades, também foi possível a divulgação da atuação do projeto por meio da escrita de um artigo de extensão e de resumos para congressos na área. Com o passar do tempo, porém, o grupo achou que deveria, de alguma forma, retomar seu objetivo principal, diante da manutenção da situação vivenciada e da falta de perspectivas para a retomada das atividades presenciais. A alternativa encontrada foi, então, o direcionamento das ações para o âmbito virtual, acompanhando a migração já realizada em diversas outras áreas.

O trabalho de incremento das postagens nas redes sociais do projeto iniciou em abril de 2020 e, até início de agosto deste mesmo ano, registrou um total de 12 publicações, sobre diferentes temas relacionados ao tabagismo. Neste período, foi possível acompanhar o alcance das postagens, por meio do número de reações (curtidas e compartilhamentos), interações (ações executadas a partir da publicação em rede social, como o acesso ao perfil da página), alcance (número de pessoas atingidas pela publicação) e impressões (número de vezes que a postagem foi visualizada). As duas primeiras publicações não apresentaram dados para verificação. Entre as 10 postagens restantes, o número de reações atingiu uma média de 30 por postagem; o alcance médio foi de 157; e as impressões registraram uma média de 195. Os resultados apontam bom alcance das postagens entre a população, registrando interesse daqueles que têm acesso a essa informação. Ainda é cedo para avaliar se tal estratégia encontrará os mesmos frutos resultantes das ações presenciais, mas certamente poderá se tornar um forte elemento adjuvante na disseminação de informação a respeito do tema. Além disso, a relação com a sociedade, por meio das redes sociais, exige do grupo um conhecimento diverso daquele que vinha sendo até

então trabalhado no projeto, e adequações devem ser realizadas para garantir a qualidade das informações, tornando a página uma fonte confiável de pesquisa.

Por fim, a situação imposta pela pandemia trouxe ao projeto um momento de reflexão sobre suas ações e de redirecionamento dessas neste novo cenário. Tais descobertas irão moldar as ações propostas quando da retomada das atividades presenciais, ainda indispensáveis para a extensão universitária, contribuindo para a aproximação cada vez maior entre academia e sociedade em diferentes âmbitos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da saúde. **Portaria nº 761, de 21 de junho de 2016.** Valida as orientações técnicas do tratamento do tabagismo constantes no protocolo clínico e diretrizes terapêuticas - dependência à nicotina. Diário Oficial União. 22 jun 2016; Seção 1:68. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2016/prt0761\\_21\\_06\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2016/prt0761_21_06_2016.html). Acesso em: 10 ago. 2020.

CAVICHIOLO, J. B. *et al.* Relação entre avaliação vocal, acústica e qualidade de vida em voz de mulheres com diferentes graus de Edema de Reinke. **Distúrbios da Comunicação**, v. 31, n. 1, p. 147-159, 2019.

HALLAL, A. L. C. *et al.* Prevalência e fatores associados ao tabagismo em escolares da Região Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 5, p. 779-788, 2009.

JESUS, M. C. P. *et al.* Understanding unsuccessful attempts to quit smoking: a social phenomenology approach. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 1, p. 71-78, 2016.

MALCON, M. C. *et al.* Prevalência e fatores de risco para tabagismo em adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 1, p. 1-7, 2003.

MASSAGO, M.; DWORAK, E. S. Efeitos transgeracionais do tabagismo materno durante a gestação e amamentação. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, v. 30, n. 1, p. 44-49, 2018.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **Report on tobacco control in the region of the Americas**. PAHO, 2018. Disponível em: <http://iris.paho.org/xmlui/handle/10665.2/49237>. Acesso em: 10 ago. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global health estimates 2016: deaths by cause, age, sex, by country and by region**. WHO, 2018. Disponível em: [https://www.who.int/healthinfo/global\\_burden\\_disease/estimates/en/](https://www.who.int/healthinfo/global_burden_disease/estimates/en/). Acesso em: 10 ago. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO report on the global tobacco epidemic: offer help to quit tobacco use**. WHO, 2019. Disponível em: [https://www.who.int/tobacco/global\\_report/en/](https://www.who.int/tobacco/global_report/en/) Acesso em: 31 ago. 2020.

# **AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM QUEIXAS DE APRENDIZAGEM**

*Arthur Aires*

*Leticia Pacheco Ribas*

*Francisco Scornavacca*

*Ricardo Sukiennik*

*Gabriela Peretti Wagner*

O projeto de extensão intitulado *Avaliação Psicológica de Crianças e Adolescentes com Queixas de Aprendizagem* tem por principal objetivo realizar a avaliação psicológica dessa população usuária da rede de saúde pública de Porto Alegre e regiões próximas. Nesse sentido, busca-se, por meio da prática do psicodiagnóstico clínico, detectar e elucidar a causa e a origem dos problemas de aprendizagem em crianças e adolescentes, bem como promover encaminhamentos específicos e individualizados para cada caso avaliado. O projeto de extensão teve seu início em 2016, por meio da avaliação no fluxo contínuo da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEXT) da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).



Anteriormente à pandemia de 2020 (que paralisou as atividades a partir do mês de março), os atendimentos aconteciam em dois turnos semanais, nos ambulatórios de especialidades do Sistema Único de Saúde (SUS) do Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA) de Porto Alegre, em parceria com duas equipes de saúde (Desenvolvimento Infantil e Neuropediatria) e com acadêmicos de três diferentes cursos de graduação da UFCSPA (Psicologia, Fonoaudiologia e Medicina).

O psicodiagnóstico, ou avaliação psicológica, consiste em um procedimento de trabalho definido pelo Conselho Federal de Psicologia (2018, on-line) como um “processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas”. Mais recentemente, a prática de avaliação psicológica foi definida como uma especialidade dentro da área da Psicologia (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018).

Em relação aos processos de avaliação dos pacientes dos ambulatórios parceiros (Linguagem Infantil, Desenvolvimento Infantil e Neuropediatria), os atendimentos possuem média de duração que varia de quatro a seis encontros, o que pode mudar dependendo de cada caso e do ritmo que cada criança ou adolescente apresenta durante as entrevistas e testagens psicológicas. Os instrumentos de avaliação psicológica são variados e envolvem desde entrevistas clínicas até os próprios testes psicológicos, que avaliam construtos diversos. Os instrumentos e as técnicas na construção metodológica de cada laudo variam de acordo com as características e as demandas das singularidades dos casos (ARAÚJO, 2007). Dentre os construtos e os testes mais utilizados, destacam-se os relacionados à inteligência, como a Escala Wechsler de Inteligência Abreviada (WASI) (TRENTINI *et al.*, 2006), habilidades acadêmicas formais, como o Teste de Desempenho Escolar II (TDE II) (STEIN *et al.*, 2019), e fatores

neuropsicológicos, como o Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve Neupsilin, tanto a versão de adolescentes e adultos (FONSECA *et al.*, 2009) quanto a versão infantil (SALLES *et al.*, 2016).

A avaliação psicológica tem por premissa básica a presença física do avaliador e do paciente (para que seja possível aplicar os testes, conhecer melhor a realidade da criança ou do adolescente, bem como entender seu contexto familiar a partir de entrevistas com cuidadores). Devido à pandemia, as atividades de avaliação psicológica foram paralisadas em março de 2020. Além da recomendação dos órgãos de saúde e da própria universidade com relação à necessidade de distanciamento físico e social e, nos primeiros meses, um isolamento mais rígido, também é importante ressaltar que muitas das famílias que chegam ao serviço para atendimento são de condições socioeconômicas vulneráveis e moram em residências com poucas condições de isolamento, com muitas pessoas residindo juntas. Dessa forma, dar sequência aos atendimentos em avaliação psicológica acarretaria grande risco de disseminação do vírus, mesmo seguindo os protocolos de segurança. Além disso, ressalta-se que grande parte das famílias usuárias do serviço não residiam na cidade de Porto Alegre, necessitando de variados meios de locomoção para chegar até o HCSA, resultando em ainda mais exposição à Covid-19. Por todos os motivos supracitados, também não seria possível que os atendimentos continuassem em alguma modalidade on-line, visto que atendimentos em avaliação psicológica na modalidade remota são desaconselhados pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia, pelo Conselho Federal de Psicologia e pela Federação Nacional dos Psicólogos (2020), conforme documento conjunto emitido durante a pandemia em março de 2020. Tais recomendações foram reforçadas em cartilha publicada pela ABEP em agosto de 2020 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS

PSICÓLOGOS, 2020). Por conta desses fatores, desde março de 2020, as atividades de atendimento presencial dos pacientes deste projeto de extensão seguem paralisadas, tendo em vista a segurança de todos (equipes de saúde e usuários do SUS). Além disso, muitas das famílias expressaram preocupação em precisar se deslocar para comparecer às consultas.

Analisando formas de seguir produzindo conhecimento durante este período de paralisação, nos últimos meses, foi elaborado pelo extensionista do projeto, supervisionado pela coordenadora e com colaboração de membros da equipe multidisciplinar do HCSA (professores da UFCSPA colaboradores do projeto), um artigo científico para publicação, com relato das atividades e da relevância dos temas que são tratados na prática, explorando aspectos relacionados às vulnerabilidades psicossociais das crianças e dos adolescentes. A ideia dessa produção, que, neste momento, já foi submetida a um periódico especializado em extensão universitária, não é apenas mostrar as atividades que são realizadas no projeto, mas também propor algumas discussões acerca do ensino e da aprendizagem no Brasil, bem como explorar alguns dos processos que desencadeiam as dificuldades de aprendizagem em crianças e adolescentes. Evidencia-se que essas questões estão entrelaçadas a uma diversidade considerável de fatores causais associados (ALI, 2013), como baixa escolaridade dos pais, falta e/ou pobreza de estímulo que as crianças recebem em casa, problemas de relacionamento no ambiente escolar, *bullying*, ansiedade, depressão etc. Portanto, o estudo conjunto de diversas áreas do conhecimento, para que as melhores intervenções possam ser levantadas e recomendadas, faz-se necessário, visando à melhoria do ensino e da aprendizagem no país. Entende-se, da mesma forma, que isso passa por estímulo e investimento pesado em políticas públicas, que deem condições de melhoria de vida e de acesso a serviços e a informação, em especial para as famílias com maior vulnerabilidade social. Entende-se que

essas dificuldades surgem não apenas pela existência de um fator de risco isolado, mas também por um efeito cumulativo de múltiplos aspectos considerados de risco para o desenvolvimento, responsáveis por grande impacto cognitivo e socioemocional da criança (HALPERN; FIGUEIRAS, 2004).

O que se destaca ao longo do artigo produzido, além do incremento teórico-técnico para o próprio bolsista, são os resultados que, em breve, poderão ser compartilhados com estudantes e profissionais das mais diversas áreas, além da oportunidade de divulgar o relevante trabalho que a extensão desempenha junto à sociedade. Salienta-se, ainda, que as atividades deste projeto são vinculadas a estágios de outros três cursos de graduação da universidade, sendo eles Psicologia, Fonoaudiologia e Medicina. Apesar de, durante o ano de 2020, a atividade principal deste projeto não ter sido realizada – atendimento e avaliação psicológica presencial, com intercâmbio semanal de conhecimentos com profissionais e estudantes de outras áreas –, foi possível encontrar outras formas de seguir produzindo conhecimento e realizando a extensão universitária, por meio da submissão de um artigo de relato de experiência para uma revista voltada à extensão.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PSICÓLOGOS (2020). **Nota sobre atividades acadêmicas nos cursos de graduação em Psicologia em tempos de pandemia.** Documento eletrônico, disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Nota-sobre-atividades->

acad%C3%A3o-amicas-nos-cursos-de-gradua%C3%A7%C3%A3o-em-Psicologia-em-tempos-de-pandemia-Atualizada-1.pdf. Acesso em: 23 out. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Práticas e Estágios Remotos em Psicologia no Contexto da Pandemia da Covid-19.** Recomendações. 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/praticas-e-estagios-remotos-em-psicologia-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-recomendacoes/>. Acesso em: 23 out. 2020.

ALI, S. S. A brief review of risk-factors for growth and developmental delay among preschool children in developing countries. **Advanced Biomedical Research**, v. 2, n. 4, p. 1-5, 2013.

ARAÚJO, M. F. Estratégias de diagnóstico e avaliação psicológica. **Psicologia: teoria e prática**, v. 9, n. 2, p. 126-141, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução do Conselho Federal de Psicologia, n. 9, de 25 de abril de 2018.** Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções n° 002/2003, n° 006/2004 e n° 005/2012 e Notas Técnicas n° 01/2017 e 02/2017. CFP, 2018. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-9-2018-estabelece-diretrizes-para-a-realizacao-de-avaliacao-psicologica-no-exercicio-profissional-da-psicologa-e-do-psicologo-regulamenta-o-sistema-de-avaliacao-de-testes-psicologicos-satepsi-e-revoga-as-resolucoes-no-002-2003-no-006-2004-e-no-005-2012-e-notas-tecnicas-no-01-2017-e-02-2017>. Acesso em: 23 out. 2020.

SALLES, J. F. *et al.* **Coleção Neupsilin-INF**: Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve Infantil. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2016.

FONSECA, R. P. *et al.* **Coleção Neupsilin**: Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2009.

HALPERN, R.; Figueiras, A. C. M. (2004). Influências ambientais na saúde mental da criança. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, p. 104-110, 2004.

HUTZ, C. S. *et al.* (Orgs.) **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

STEIN, L. M. *et al.* **TDE II** – Teste de Desempenho Escolar. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2019.

TRENTINI, C. M. *et al.* **WASI** – Escala Wechsler Abreviada de Inteligência. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.



# **O PROJETO DE EXTENSÃO AT WORK NA ATENÇÃO À SAÚDE DO TRABALHADOR**

*Adriana Torres de Lemos*

*Maria Luísa Martins D'Angelo*

*Júlia de Azambuja do Nascimento*

*Juliana Wizoreke Carvalho*

*Amanda Petrini Bini*

*Elisa Bueno Pereira*

*Pâmela Veroneze Demichei*

As condições de trabalho, incluindo desde relações interpessoais até configuração e forma de utilização dos postos de trabalho, geram repercussões físicas, psíquicas e sociais na vida dos trabalhadores. Revisão sistemática recente (PROPER; VAN OOSTROM, 2019) encontrou que, por meio de intervenções no local de trabalho – especialmente quando eram propostos aos trabalhadores exercícios físicos de resistência –, ocorre a prevenção de distúrbios musculoesqueléticos. Dentre outras considerações, Pieper *et al.* (2019) recomendam que as empresas implementem programas, no ambiente



de trabalho, para prevenir e controlar estresse e distúrbios mentais. A partir de observações realizadas na disciplina curricular de Fisioterapia na Saúde do Trabalhador, do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), a motivação para a proposição deste projeto se baseou, principalmente, em três aspectos: 1) auxiliar no desenvolvimento de ambientes de trabalho mais saudáveis por meio de práticas de cuidado em saúde; 2) fortalecer a relação dos extensionistas com os trabalhadores participantes do projeto, objetivando maior adesão, também, durante as atividades de ensino da disciplina curricular; e 3) possibilitar aos discentes maior inserção e prática na área de Saúde do Trabalhador. Nesse contexto, o projeto de extensão *At Work* foi iniciado em 2019, com o objetivo de desenvolver um programa continuado de atenção à saúde do trabalhador. O público-alvo são os servidores da UFCSPA e os colaboradores de uma instituição parceira, além dos discentes participantes. As atividades, desenvolvidas de forma presencial, eram compostas por ginástica funcional, ginástica laboral, atividades de educação em saúde e atendimento fisioterapêutico ambulatorial.

A partir de março, quando houve a suspensão das atividades na Universidade e a migração do trabalho dos servidores para *home office*, foi necessário que rapidamente repensássemos as nossas práticas para a continuidade do projeto. O prolongamento do período de distanciamento físico e, conseqüentemente, do *home office*, nos desafiou a motivar os integrantes para que aderissem às novas atividades propostas. Trabalhar em casa tem apresentado diversos pontos negativos, como a dificuldade de cultivar relações interpessoais e sentido de equipe, a solidão, ambientes de trabalho inadequados, a dificuldade de estabelecer uma rotina, entre outros aspectos.

Consultamos os servidores participantes da UFCSPA para verificar o interesse e as necessidades do grupo perante a nova realidade. Sendo objetivo principal do projeto a atenção à saúde do trabalhador,

consideramos um grande desafio o cuidado aos participantes, já que agora esses estavam trabalhando em ambientes diversos, adaptados e nem sempre com condições apropriadas. Além disso, os discentes, também público-alvo do projeto, estavam passando por um momento de incertezas e de necessidade de readaptação de suas rotinas. Como estratégia inicial, foi necessário ampliar a comunicação por redes sociais, com a criação da página do projeto em duas redes e com contatos semanais por celular via grupo de mensagens. Em seguida, desenvolvemos materiais de apoio para cuidados com a saúde física e mental, no formato de *cards*, sobre Covid-19, recomendações para o trabalho em *home office* (importância do estabelecimento de rotina, sugestões de exercícios físicos para praticar em casa, benefícios e guia rápido para prática de *mindfulness*, dicas de como manter a saúde mental na quarentena e cuidados com mobiliário e ambiente). No entanto, ficamos receosos se estaríamos, de fato, auxiliando, já que, nos meses iniciais do distanciamento físico, houve a divulgação massiva de informações sobre temas em saúde via todos os meios de comunicação. Assim, optamos por minimizar o envio de informações, por enfatizar que estávamos à disposição para as demandas que surgissem e por dar enfoque e continuidade à atividade física, que era a proposta com maior adesão quando presencial. Iniciamos a elaboração de videoaulas, enviadas todas as terças-feiras, com demonstração de exercícios físicos a serem realizados individualmente em casa e com a utilização de materiais adaptados. Adicionamos às atividades do projeto consultoria sobre o ambiente de trabalho em casa (aspectos da ergonomia física, em especial), envio semanal de mensagens motivacionais e de um “desafio cognitivo” por aplicativo de mensagens. O retorno dos integrantes, em relação a essas duas últimas ações, sempre foi muito positivo e participativo. Os desafios cognitivos, sobretudo, proporcionavam a integração do grupo e momentos de diversão pelo aplicativo de troca de mensagens.

No entanto, após quatro meses do início do período de distanciamento físico, percebemos que os participantes já não estavam mais motivados para a prática dos exercícios propostos nas videoaulas. Em conversa com eles, esses confirmaram que não se sentiam animados para a prática individual. Da mesma forma, talvez por perceber que não estava havendo adesão, os discentes também se desmotivaram para a elaboração dos vídeos. Houve, então, a solicitação de alguns dos participantes para realização dos exercícios físicos por encontros síncronos. Organizamos para que esses ocorressem duas vezes por semana, com duração de uma hora. As aulas são elaboradas e ministradas pelos discentes e previamente revisadas pela professora responsável. Percebemos maior adesão aos exercícios síncronos e recebemos relatos positivos gerados pela participação no projeto para a saúde física e mental tanto dos servidores quanto dos discentes. Esses últimos referiram maior engajamento nos encontros síncronos e relataram benefícios em relação à saúde mental, como, por exemplo, sentirem-se alegres com as trocas realizadas.

Como forma de avaliar a efetividade das atividades propostas durante este período de excepcionalidade, foi solicitado aos participantes (estudantes e servidores) que respondessem a um questionário anônimo, sobre como eles estavam percebendo as atividades desenvolvidas. As perguntas eram relacionadas ao *home office* (aos servidores) e ao ensino à distância (aos discentes) e seu impacto na rotina, no humor, na saúde física e mental e às influências que a participação no projeto *At Work* teve sobre esses aspectos. Verificamos que as atividades estão sendo efetivas e que os integrantes se sentem satisfeitos e motivados para participar do projeto, conforme podemos observar no trecho do depoimento de um dos participantes:

“Vocês me auxiliaram a adaptar meu ambiente em casa [...], no começo eu sentia muitas dores nas costas e depois desses ajustes melhorou. Tive alterações de humor, e as charadinhas e o estímulo

para fazermos as aulas ajudou muito. Inclusive passei as charadas para os meus pais [...]. Divertiu a família inteira. E os exercícios são fundamentais, trabalho muito no computador, e os alongamentos e exercícios de reforço me auxiliam muito [...].”

Por conta do distanciamento físico, as atividades na instituição parceira ainda não puderam ser retomadas, mas daremos continuidade às ações *in loco* e ao atendimento fisioterapêutico assim que possível.

Normalmente, os projetos de extensão universitária já apresentam grande relevância para a sociedade e para a formação acadêmica. Pudemos perceber que, neste momento tão delicado de inseguranças que estamos vivendo, a experiência extensionista foi fundamental para a manutenção do vínculo dos discentes com a Universidade e para a continuidade do diálogo com a comunidade, além de ter contribuído para a saúde e a satisfação de todos os participantes.

## REFERÊNCIAS

PIEPER, C. *et al.* Evidence of workplace interventions - A systematic review of systematic reviews. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 19, p. 3553, 2019.

PROPER, K. I.; VAN OOSTROM, S. H. The effectiveness of workplace health promotion interventions on physical and mental health outcomes - a systematic review of reviews. **Scandinavian Journal of Work, Environmental and Health**, v. 45, n. 6, p. 546-559, 2019.



# EDUCAÇÃO PERMANENTE EM ENFERMAGEM NA SAÚDE MENTAL: POSSIBILIDADES E REFLEXÕES

*Débora Gomes da Rocha*  
*Labanna da Silva Ribeiro*  
*Émilly Giacomelli Bragé*  
*Domênica Bossardi Ramos*  
*Caroline Busatto*  
*Inara Rahde Fialho*  
*Lauren Ruas Vrech*  
*Annie Jeanninne Bisso Lacchini*

A educação permanente dos profissionais é uma das premissas das instituições de saúde para manter a qualidade dos atendimentos e a segurança de suas práticas (BRASIL, 2018). Por meio do projeto de extensão intitulado *Educação Permanente em Enfermagem na Saúde Mental*, discentes do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) realizam, desde 2019, ações com a equipe de enfermagem da internação psiquiátrica do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (HMIPV), com intuito

de embasar as práticas em evidências científicas atuais, além de criar um espaço de reflexão crítica e debate.

O impedimento da realização das atividades presenciais devido à pandemia da Covid-19 fez com que as atividades sofressem adequações, a fim de concretizar as ações do projeto. Novas metodologias foram empregadas para manter o vínculo com a equipe e a fim de oferecer conhecimento sobre temáticas relevantes para o contexto atual. O desenvolvimento de *podcasts* surge como opção de continuidade aos encontros de educação permanente, a qual se torna cada vez mais fundamental para fornecer informações de confiança, além de impedir a disseminação de *fake news*.

Os assuntos desenvolvidos ao longo dos meses foram voltados primordialmente à saúde mental durante a pandemia, visto que, devido à situação crítica e de incertezas que estamos vivenciando, é comum as pessoas estarem mais ansiosas, com medo e não saberem lidar com suas emoções (FARO, 2020). O objetivo deste relato é apresentar as novas metodologias do projeto de extensão *Educação Permanente em Enfermagem na Saúde Mental*, na ocasião da pandemia da Covid-19, que atingiu Porto Alegre em março de 2020.

Durante este período, o projeto desenvolveu o *podcast* ConectadaMente. Além disso, foram realizadas publicações periódicas no Instagram e no Facebook com conteúdos voltados à saúde mental, bem como foi criado um grupo no WhatsApp para compartilhar materiais com os profissionais de enfermagem atendidos pelo projeto. Os materiais foram produzidos por acadêmicas de enfermagem, sob supervisão da professora coordenadora do projeto. O *podcast* é direcionado tanto ao público-alvo do projeto de extensão quanto ao público em geral, visando a tornar mais acessível o conteúdo produzido, principalmente neste momento atípico. A decisão da criação do *podcast* se deu em função do contexto atual e do interesse da equipe do projeto em fornecer informações confiáveis sobre a pandemia à população.

Buscou-se, entretanto, manter o escopo do projeto e inter-relacionar saúde mental e as repercussões do coronavírus.

Elaboraram-se 10 roteiros sobre temáticas de saúde mental relacionadas à pandemia de Covid-19, cujo embasamento foi proveniente de pesquisas em bibliotecas virtuais, como PubMed e SciELO. Tais roteiros guiaram a gravação de cada um dos episódios do *podcast*, os quais foram disponibilizados na plataforma SoundCloud, no formato mp3. O acesso ao *podcast* pode ser feito via computador, *notebook*, *smartphone*, *tablets*, entre outros. A edição foi realizada diretamente no computador a partir do *software* de edição de áudio Audacity.

Disponibilizaram-se 10 episódios do *podcast* com, em média, 3 minutos de duração, os quais obtiveram, segundo dados estatísticos da plataforma SoundCloud, 300 acessos. As temáticas abordadas foram: Covid-19 e a saúde física e mental; violência doméstica durante a pandemia; como lidar com as crianças na quarentena; processo de luto na pandemia da Covid-19; controle da ansiedade durante a pandemia; acesso aos serviços de saúde mental na pandemia; Covid-19 em hospitais psiquiátricos; desigualdades e vulnerabilidades na pandemia; e saúde mental dos profissionais de saúde na linha de frente. A divulgação ocorreu por meio de perfis do projeto em redes sociais, como Instagram e Facebook, que contabilizam 389 e 239 seguidores, respectivamente. Nesses canais, também foram feitas 5 publicações com sugestões de filmes e séries sobre saúde mental e sobre a história da psiquiatria, para incentivar as pessoas a manterem o isolamento social e para estimular a reflexão sobre esses temas. Além disso, divulgaram-se aplicativos de meditação guiada e exercícios físicos para auxiliar no relaxamento e no enfrentamento do momento atual.

A realização dessas atividades foi fundamental para cumprir as premissas da extensão universitária, visto que foi possível promover o diálogo entre a universidade e a população, compartilhando informações seguras baseadas em evidências científicas. Os profissionais



de saúde, público-alvo do projeto de extensão, participaram ativamente das atividades por meio do grupo no WhatsApp, expondo suas ideias sobre os temas e suas vivências na prática assistencial durante o período de pandemia. Apesar da impossibilidade temporária da realização de encontros presenciais de educação permanente, construiu-se uma nova abordagem educativa que contemplou os objetivos propostos, tendo em vista que se pôde realizar debates e reflexões pertinentes sobre saúde mental e contribuir para a qualificação da assistência do serviço. Para a comunidade em geral, o *podcast* e as publicações estimularam a discussão sobre as questões relacionadas à saúde mental, especialmente durante o isolamento físico, e auxiliaram na elaboração de estratégias de enfrentamento a possíveis sofrimentos psíquicos.

A construção do *podcast* ConectadaMente foi um desafio, pois exigiu a elaboração de estratégias que proporcionassem acesso facilitado e que alcançassem o público. Como limitação, os ouvintes necessitavam possuir acesso à Internet; além disso, a disponibilização em somente uma plataforma virtual limitou sua divulgação.

Considerou-se positiva a experiência, apesar das dificuldades, visto que foi possível expandir os horizontes do projeto para o meio virtual, com o compartilhamento de saberes com o público em geral, com acadêmicos de outras instituições e com profissionais da saúde, além daqueles que já participavam do projeto de extensão no HMIPV. Como equipe, percebeu-se a unânime mobilização para manter o projeto ativo e fortalecido. Mesmo com as dificuldades que a pandemia e o isolamento físico trouxeram, o momento é de grande relevância para o tema da saúde mental.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento?** 1. ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

FARO, A. *et al.* Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos em Psicologia (Campinas)**, v. 37, p. e200074, 2020.



# CULTURA NA EXTENSÃO



# **APRESENTAÇÃO**

## **APOIO E TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE**

A extensão universitária é um dos pilares de sustentação da universidade, juntamente ao ensino e à pesquisa, e apresenta um elemento complementar na sua atuação que é muito especial: a cultura. “Cultura” é um termo utilizado de forma bastante ampla, mas traz como acepção a representação de um conjunto de tradições, crenças e costumes de uma sociedade, além de englobar aspectos materiais, espirituais, intelectuais, afetivos, direitos fundamentais do ser humano e valores. No entanto, “cultura” também pode se referir às formas de manifestação artística, cultural e/ou técnica da humanidade e nos remete às manifestações humanas relacionadas às emoções e às sensações dos indivíduos.

A promoção cultural é um elemento importante no desenvolvimento humano; por isso, é papel das universidades estimular as diversas formas de cultura. A interação com as atividades culturais estimula o desenvolvimento integral dos indivíduos e da sociedade. O acesso a essas ações possibilita a qualificação de estudantes e da comunidade interna, além de aprimorar a relação com a sociedade,

que também usufrui dessas atividades. A interação com a comunidade permite que os princípios da extensão sejam reforçados, uma vez que toda ação social é cultural e que todas essas realizações transmitem um significado, promovendo transformação social de forma dialógica, oportunizando que a universidade converse com a sociedade, para que, assim, ocorra a troca de saberes e o crescimento de ambas de forma conjunta. Isso significa dizer que toda prática social apresenta uma dimensão cultural, formando uma trama de significados e significantes, redimensionando-se a cultura de modo transversal na educação, na política e na manifestação de impulsionamento da sociedade. Dessa forma, as ações culturais oportunizam o compartilhamento entre os atores envolvidos e promovem a interdisciplinaridade, impactando na formação dos estudantes, princípio fundamental do conceito de extensão universitária.

A UFCSPA sempre buscou valorizar e promover a cultura nas suas mais diferentes manifestações, ofertando diversos tipos de atividades culturais gratuitas ao público em geral. A cada semestre, a universidade busca oferecer uma agenda cultural diversa, que conta com apresentações musicais e exposições de arte, dentre outros tipos de demonstrações culturais, promovendo momentos de debate, reflexão e diversão. Assim, a UFCSPA ultrapassa sua função de geradora de novos conhecimentos, tornando-se propositiva por atuar na promoção do desenvolvimento cultural da sociedade de modo transversal. O Núcleo Cultural da UFCSPA (NCULT) é o setor responsável pelo fomento à cultura, pela gestão do ciclo semestral e por realizar assessoria de comunicação especializada em cultura. Além disso, a UFCSPA mantém o Coral, a Banda Comunitária e outros projetos de extensão, que trabalham iniciativas culturais de forma contínua e são abertos à participação de alunos, professores e servidores da Universidade e que convidam a comunidade em geral a fazer parte, ampliando a interação

da academia com a sociedade, por meio da fotografia, da música, da contação de histórias, entre outras.

Neste momento de pandemia e de isolamento físico, a difusão de atividades culturais tomou uma nova dimensão, não só de lazer e reflexão, mas também como forma de auxiliar os sujeitos a enfrentarem a situação adversa pela qual estamos passando. Como não poderia deixar de ser, a extensão universitária da UFCSPA continuou seu papel de levar cultura à sociedade e, a partir disso, amparar a comunidade no enfrentamento das suas dificuldades. Conforme será visto ao longo da temática *Cultura na Extensão*, foi necessário que essas atividades assumissem novo formato, utilizando as redes sociais como forma de disseminar as ações culturais, reinventando a extensão universitária da UFCSPA em tempos de pandemia. Assim, trazemos os relatos das ações realizadas pelo núcleo cultural, o Coral e a Banda Comunitária da UFCSPA, e pelo programa Contação de Histórias durante a pandemia, que perseveraram em levar cultura à sociedade.

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez e*

*Alethéa Gatto Barschak*

Outubro de 2020





# CONEXÃO CULTURA: DIFUSÃO CULTURAL EM REDE

*Lisiane Wandscheer*

*Aline Griza*

Pensar cultura e arte é essencial em uma universidade especializada em saúde que prima pela excelência no ensino superior e na valorização da formação integral do futuro profissional. Nesse sentido, a extensão universitária assume o papel de promover, refletir e difundir a arte e a cultura no meio acadêmico para toda a sociedade. A ebulição da cultura, a democratização dos espaços públicos e a proliferação de diferentes expressões artísticas contribuem para um olhar mais amplo sobre o mundo e estimulam a alteridade. Assim, formam-se não só profissionais, mas cidadãos capazes de aceitar a diversidade e de respeitar o outro. Por meio da comunicação social realizada por seu Núcleo Cultural (NCULT), a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) vem estimulando diferentes formas de acesso gratuito à cultura a toda a população, o que também contribui para a visibilidade da instituição.

O Núcleo Cultural é responsável pelo fomento e pela gestão do ciclo cultural semestral da universidade, a Agenda Cultural. Desde 2014, planeja, desenvolve e apoia as atividades relacionadas à música, às artes visuais e aos eventos de reflexão e de debate sobre temas da atualidade. O grupo publica duas edições anuais da revista cultural da universidade e produz conteúdo para veículos de comunicação e para projetos culturais, além de manter o Coral UFCSPA e a Banda Comunitária da UFCSPA. Vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEXT), o setor é formado por uma jornalista, uma programadora visual, um regente e um estagiário de Comunicação Social.

Com a declaração de pandemia da Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, o cenário cultural mudou. Teatros, espaços culturais, áreas de convivência e cinemas fecharam as portas em todo o mundo, e na UFCSPA não foi diferente. Em 13 de março, todas as ações culturais programadas para a Agenda Cultural foram canceladas, inclusive as selecionadas por editais públicos. Diante desta nova realidade, impôs-se um desafio: reinventar a difusão de arte e de cultura na Universidade. Como dialogar, continuar apoiando, promovendo e difundindo a cultura?

O projeto *Conexão Cultura UFCSPA – um espaço de manifestação cultural em rede* foi criado em 6 de abril de 2020, como resposta ao momento de distanciamento físico. Suas diferentes ações são divulgadas nas redes sociais do Núcleo Cultural, do Coral UFCSPA e da Banda Comunitária da UFCSPA, nos veículos institucionais da universidade, na imprensa e em páginas parceiras da área cultural e da educação. Até agosto, as publicações obtiveram 54.454 visualizações, apenas considerando o Facebook do Núcleo Cultural. O projeto será mantido enquanto durar o atual contexto.

Foram organizadas duas exposições fotográficas colaborativas no Conexão Cultura, abertas a qualquer pessoa e sem pré-requisitos.

Tratam-se de exercícios criativos em que o público é convidado a pensar sobre um tema, fazer uma fotografia e descrever sua experiência. As contribuições são adaptadas à arte gráfica do projeto, publicadas nas redes sociais e reunidas em álbuns virtuais. Coordenadas pela programadora visual, participações e exposições permanecem ativas.

O primeiro tema foi proposto no dia 7 de abril de 2020. A exposição *Na minha janela, o mundo* partiu do texto *Você já se perguntou para que servem as janelas?*, que discorre sobre as funções utilitárias e estéticas deste elemento arquitetônico. O objetivo era instigar o público a refletir sobre o papel do ambiente externo no contexto do distanciamento físico e sobre como as mudanças no cenário atual transformaram seu modo de enxergar. Os participantes fotografam e descrevem o que veem emoldurado por suas janelas.

O segundo tema foi disponibilizado em 15 de maio de 2020. A exposição *Memórias de lá, um dia, alguém* partiu do texto *O lar e as memórias*, que versa sobre a busca do ser humano por um lugar e os objetos que contam a história de cada um. A proposta é estimular as pessoas a observarem aquilo que, em suas casas, traz à lembrança pessoas importantes, momentos passados e lugares conhecidos. Pensando nas histórias guardadas pelas coisas, os participantes fotografam um objeto e descrevem seu significado particular.

Até agosto de 2020, *Na minha janela, o mundo* continha 17 fotografias de 16 pessoas, sendo nove ligadas à universidade, e sete que iniciaram uma relação com a UFCSPA por meio desta ação. Da comunidade interna, participaram técnico-administrativas, extensionistas e um aluno do curso de Biomedicina; da comunidade externa, músicos aprovados em edital da cultura na UFCSPA, jornalistas, aposentadas, uma artista plástica, uma artesã bordadeira e fotógrafa amadora e uma publicitária. *Memórias de lá, um dia, alguém* continha seis participações até agosto: técnico-administrativos da UFCSPA, extensionistas e um arquiteto da comunidade externa.

As publicações relativas a essas ações tiveram 7.823 visualizações contabilizadas somente no Facebook do Núcleo Cultural.

A proposta das exposições virtuais é estimular o público a se arriscar na livre criação artística e a gerar um espaço de fruição dessa arte. Uma questão essencial é estabelecer a compreensão das pessoas sobre o caráter não profissional do exercício, ainda que não haja prêmio ou remuneração. Mesmo sem ofertar cursos ligados às Artes, deve-se levar em conta que a imagem da UFCSPA está vinculada à promoção de artistas profissionais desde 2009, com Espaço de Artes próprio e seleção de exposições por editais públicos.

*Palavra de Artista* é outra ação que integra o Conexão Cultura. Artistas visuais, músicos e palestrantes que já participaram de alguma edição da Agenda Cultural da UFCSPA são convidados a produzir vídeos de até 10 minutos com manifestações artísticas e depoimentos sobre como convivem no período do distanciamento físico. Presos em seus lares, muitos artistas continuam a produzir, e as redes sociais viraram o grande palco. A *Palavra de Artista* construiu este palco, dialogando e convidando-os a expressarem não só a sua arte, mas os seus sentimentos sobre a nova realidade.

A primeira dificuldade encontrada foi localizar os artistas e palestrantes. No contato com os convidados, deparamo-nos com realidades díspares. Alguns enfrentavam problemas estruturais, como falta de espaço e de equipamentos adequados para gravação, ou ainda questões pessoais, como depressão, doenças e acompanhamento de familiares em grupo de risco. Outros demonstravam estar mais adaptados. Os relatos expõem a falta de apoio econômico à classe artística, as alternativas criadas e a importância da solidariedade. Mas foi a dificuldade que fez o nascimento de cada trabalho tornar-se único. Como expressou o pianista e professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Daniel Lemos, “o músico se tornou

um profissional de saúde, para ajudar na saúde mental das pessoas. Toda a produção cultural contribui como uma questão de saúde pública”.

O intuito da ação é unir e ajudar a fortalecer as pessoas por meio da arte. A fim de manter um padrão, a jornalista que coordena o projeto fornece o formato a ser seguido e os pontos a serem abordados. São elaborados textos, a partir do contato com os artistas, publicados junto aos vídeos nas redes, nas mídias sociais e nos veículos da UFCSPA. Na *Palavra de Artista*, de 7 de abril até agosto de 2020, houve 24.154 visualizações no Facebook nas seguintes apresentações, conforme ordem cronológica de publicação: a) Daniel Lemos, pianista e docente da UFMA, 4.094; b) Cláudia Prass, artista visual, 1.543; c) Roberta Agostini, artista visual, 893; d) Mari Kerber, pianista, 1.900; e) Rafael Lopes, violonista, 1.402; f) Ícaro Castro, músico e informata biomédico pela UFCSPA, 193; g) Duo Cantilena, cantora e violonista, 2.363; h) Mauriceia Cassol, fonoaudióloga e docente da UFCSPA, 7.903; i) Frederico Bartz, historiador e técnico-administrativo da UFRGS, 199; j) Trinity Soares, artista visual, gastrólogo pela UFCSPA, 2.369; k) Gilnei Cunha e José Lui, músicos, 1.297.

Além dessas ações, integram o Conexão Cultura o Coral Virtual e a Banda Virtual, desenvolvidos pelo regente. O próximo capítulo, intitulado *Música virtual: o Coral e a Banda Comunitária da UFCSPA* aborda detalhadamente o tema.

Ao difundir arte e cultura em rede, o Conexão Cultura chamou a atenção de outra universidade brasileira. O projeto participa como mostra convidada do catálogo *Ventanas Abiertas* da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), com lançamento em setembro de 2020.

Mais do que uma alternativa cultural em meio à pandemia, o Conexão Cultura constitui-se como um dos caminhos a ser trilhado pela UFCSPA na interação com a sociedade.



# MÚSICA VIRTUAL: O CORAL E A BANDA COMUNITÁRIA DA UFCSPA

*Marcelo Rabello dos Santos*

O presente capítulo apresenta um relato de experiência de dois projetos de extensão da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA): o Coral UFCSPA e a Banda Comunitária da UFCSPA. Embora distintos, com métodos e metas diferentes, ambos os projetos compartilham o objetivo de estreitar os laços entre comunidade acadêmica e sociedade por meio de sua atuação musical. O Coral e a Banda Comunitária buscam atender não somente seu público-alvo imediato – constituído pelas pessoas que participam das atividades de aprendizado musical propostas –, mas também o grande público, por meio da oferta de apresentações e concertos. Ambos os grupos enfrentam o desafio de manter suas ações sem a realização de encontros presenciais em decorrência da pandemia da Covid-19 desde 18 de março de 2020.

O Coral UFCSPA é um grupo vocal que iniciou suas atividades em 2012. Desde então, vem contando com não menos de 60 participantes. Adota uma abordagem voltada à inclusão: todos são



bem-vindos, inclusive pessoas não vinculadas à UFCSPA. A cada semestre acadêmico, um novo tema – escolhido pelos participantes – é trabalhado por canções a ele relacionadas, levando à renovação constante do repertório. O assunto escolhido ao final de 2019 para subsidiar o trabalho em 2020 (a partir de enquete on-line) foi “Esperança”.

A Banda Comunitária da UFCSPA é um grupo instrumental que iniciou suas atividades no segundo semestre de 2013, empregando instrumentos adquiridos com recursos do Edital PROEXT/MEC. Desde então, vem contando com cerca de 30 participantes. Diferentemente do Coral UFCSPA, que centraliza suas atividades no campus da UFCSPA, a Banda vem atuando também nas dependências do Centro Vida Humanístico – situado no Bairro Rubem Berta em Porto Alegre – em parceria com a Alvo Associação Cultural. Constrói-se como um espaço de aprendizagem baseada na troca de experiências entre os participantes e atua diretamente junto à comunidade por meio de oficinas realizadas em escolas e outros espaços.

Desde o início de suas atividades, o Coral UFCSPA vem utilizando o Moodle da UFCSPA – que é um ambiente virtual de aprendizagem – para compartilhar trilhas de áudio e outros recursos de apoio ao ensino musical. O Moodle, entretanto, centraliza as postagens na figura do responsável pela sala de aula virtual. Como a Banda Comunitária vem adotando um fluxo de informações descentralizado, em que diferentes agentes produzem e compartilham materiais, além do Moodle, outras plataformas vêm sendo empregadas: o espaço virtual de armazenamento Dropbox, a rede de compartilhamento de partituras MuseScore e o aplicativo de mensagens WhatsApp – além das diversas redes sociais.

O fato dessas redes de compartilhamento de informações já fazerem parte da rotina do Coral e da Banda Comunitária foi essencial para a manutenção do trabalho em tempos da pandemia de Covid-19. Limitações em termos de sincronia e de qualidade de

áudio tornaram desaconselhável a realização de ensaios virtuais. Alternativamente, foi adotada uma abordagem assíncrona, baseada em arquivos de áudio, vídeos e partituras disponibilizados no Moodle e nas outras plataformas citadas. Uma vantagem é que tais recursos podem ser reproduzidos (integralmente ou em parte) quantas vezes for desejado, de acordo com a conveniência do usuário. Diversas vezes, ao longo do semestre, os integrantes foram desafiados a participar de novas produções virtuais por meio de uma mensagem enviada por *e-mail* e/ou WhatsApp. A mensagem informava a música-desafio a ser estudada, as modalidades disponíveis de acesso aos recursos didáticos (arquivos de áudio, partituras etc.) e um prazo final para o aprendizado, a gravação e o envio de um vídeo contendo a performance musical individual de cada participante. Após o prazo final de cada desafio musical, os vídeos individuais recebidos foram reunidos em vídeo único, em uma performance coletiva virtual. As equipes de execução dos projetos, naturalmente, estiveram à disposição para atender as dúvidas dos participantes ao longo deste processo.

A primeira produção foi *I Want to Break Free*, da banda Queen. Tratou-se de um vídeo teste, composto pelas contribuições individuais de quatro participantes. Teve sua divulgação restrita aos participantes dos projetos. Esse vídeo-piloto permitiu estabelecer aspectos que seriam doravante empregados, como a necessidade de produzir independentemente som e imagem e reuni-los tão somente ao final do processo de produção.

Em seguida, vieram as produções destinadas ao grande público. O canal principal de divulgação das produções do Coral foi o YouTube, em que foram lançados três vídeos. *Amanhã*, música de Guilherme Arantes, foi o primeiro a ser lançado, em 9 de abril de 2020, contando com a participação virtual de 51 integrantes e obtendo 4.032 visualizações. Em 8 de maio e em 5 de junho de 2020, vieram *Sonho*

*Meu*, de Dona Ivone Lara, e *Benke*, de Milton Nascimento e Márcio Borges, que contaram, respectivamente, com 68 e 59 participantes e 1.010 e 1.372 visualizações.

As produções da Banda Comunitária tiveram sua divulgação inicial por meio da página do grupo no Facebook. *Happy*, de Pharrell Williams, foi divulgada em 27 de abril de 2020, contou com 23 participantes e teve 1.631 visualizações. *Gente Humilde*, de Garoto, estreou em 18 de maio de 2020, contou com 24 participantes e teve 344 visualizações.

Em 13 de julho de 2020, foi lançada *Wind of Change*, da banda Scorpions, que foi uma produção conjunta de ambos os grupos e reuniu 83 participações virtuais. No canal do Coral no YouTube, esta produção foi visualizada 1.273 vezes. Os números de visualizações informados aqui se referem somente aos canais principais dos grupos no dia 25 de agosto de 2020, sem considerar compartilhamentos e reproduções em outras plataformas.

O vídeo mais visualizado é justamente o primeiro vídeo divulgado, *Amanhã*, cerca de quatro vezes mais assistido que os demais vídeos do Coral UFCSPA. Uma das razões levantadas para o excepcional alcance dessa produção foi o relativo ineditismo da proposta por ocasião de seu lançamento, tendo sido inclusive exibida no programa *Jornal do Almoço*, da RBS TV, em 16 de abril. No momento da redação deste capítulo, em agosto, vídeos musicais coletivos são comuns e já fazem parte do chamado “novo normal”.

Ainda foi ofertada, como atividade extensionista do projeto Banda Comunitária da UFCSPA, a Oficina de Flauta Doce. Para contemplar uma das metas da Banda Comunitária – o oferecimento de atividades de iniciação musical à comunidade em geral –, três videoaulas foram produzidas até o momento. Foram publicadas originalmente na página da Banda Comunitária no Facebook e já contam com um total de 398 visualizações nessa plataforma.

Após a última produção do semestre (*Wind of Change*), os participantes foram convidados a preencher um formulário on-line de avaliação das atividades, que foi respondido por 89 pessoas – 63 do Coral, 18 da Banda Comunitária e oito participantes de ambos. Na elaboração desse formulário, foram levados em consideração depoimentos espontâneos previamente recebidos dos participantes. Será apresentado aqui somente o grau de concordância da maioria em relação a duas questões: 78,7% concordaram plenamente que “por meio das atividades virtuais, sinto-me participante do Coral UFCSPA / Banda Comunitária da UFCSPA”; e 75,3% concordaram plenamente que “as atividades musicais virtuais me ajudam a lidar com o isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19”. Essas respostas indicam que os participantes mantêm seu engajamento e reforçam a ideia de que as ações desenvolvidas adquiriram um sentido não previsto inicialmente, o de aliadas em um momento de mudanças bruscas no estilo de vida.

Embora não seja possível comparar plenamente a experiência presencial de um concerto com a de visualizar um vídeo, o total de visualizações das produções virtuais é adotado aqui como um indicativo do sucesso em atingir o grande público. Somados, os vídeos do Coral e da Banda Comunitária tiveram 9.662 visualizações. Esse número é cerca de três vezes maior que o público total estimado atingido presencialmente por ambos os grupos em todo o ano de 2019, que foi cerca de 3.300. De fato, é o maior público registrado – embora virtual, ressalte-se – em toda a história dos grupos. Todas as produções foram divulgadas por meio do espaço cultural virtual Conexão Cultura – uma iniciativa do Núcleo Cultural da UFCSPA. Mesmo em tempos de pandemia, o Coral UFCSPA e a Banda Comunitária da UFCSPA mantêm seu compromisso com a difusão da cultura musical e com a formação de novos laços com a sociedade.



# CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: TRANSFORMANDO EXPERIÊNCIAS

*Luciana Boose Pinheiro*

*Tatiane Andressa Gasparetto*

*Raquel dos Santos Ramos*

A vida tem seus ciclos, cada um com sua beleza, se soubermos deles tirar proveito e aprendizagens. Com o programa de extensão *Contação de Histórias na Promoção da Saúde*, sempre foi assim. Existente desde 2009, na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), o programa iniciou suas atividades a partir da promoção, em caráter experimental, de um curso de extensão. A ideia era descobrir se havia interesse dos acadêmicos da área da saúde em acessar os pacientes utilizando-se da contação de histórias como ferramenta. E havia. Tivemos três edições consecutivas do curso de extensão, durante dois semestres, e mais de 120 participantes naquela época. A partir dessas experiências, notou-se a ansiedade dos acadêmicos em compartilhar suas vivências e as descobertas advindas dos momentos em contação de histórias para os pacientes no hospital. Após as atividades, os alunos chegavam a formar fila para

apresentar seus relatos à professora, o que deu origem a famosa “fila” de atendimentos no corredor do quarto andar do prédio principal da Universidade. Desta maneira, observou-se a necessidade de tornar aquele curso um projeto de extensão.

Assim, em 2011, surgiu o projeto de extensão *Contação de Histórias em Ambiente Hospitalar*, que transforma o curso de extensão em disciplina com continuidade de discussão e cria o registro em forma de relato de experiência por parte dos acadêmicos e a relação da vivência com sua profissão escolhida. Além disso, ampliamos as ações e o acesso ao projeto, criando cursos de extensão para as comunidades externas à UFCSPA, tanto de acadêmicos de saúde de outras Instituições de Ensino Superior (IES) quanto de profissionais formados. Ainda, em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), desenvolvemos um curso *in company* de formação de voluntários.

Em 2012, passado um ano de projeto e com êxito nas ações propostas, alçamos novo voo. Dessa vez, transformando o projeto em um programa de extensão, incorporando a todas as ações descritas o projeto *Poesia na Enfermaria*, que tinha por objetivo a afixação, nos murais das enfermarias do Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, de poemas e de pequenos contos e crônicas nas salas de descanso das equipes. Em 2018, os cursos, que eram divididos entre os perfis acadêmicos e profissionais para a comunidade externa, foram unificados, e o programa foi acrescido de sua primeira interface para além da graduação – que já possuía uma disciplina eletiva para todos os cursos e uma disciplina optativa para os cursos de Enfermagem e Farmácia da UFCSPA. Assim, o projeto de pesquisa, compondo um banco de dados para efetivação de *corpus* para análise dos relatos produzidos pelos alunos e da sua formação acadêmica, consolidou a tríade ensino, pesquisa e extensão em nosso programa. Para o ano de 2020, planejamos, além das ações já descritas e realizadas nos anos anteriores, a inserção da atuação do programa

no Distrito Docente Assistencial (DDA) da UFCSPA (região que compreende a Zona Norte de Porto Alegre, delimitada para a atuação da Universidade pela prefeitura), com a formação de contadores de histórias para bibliotecários das escolas públicas e agentes comunitários de saúde das Unidades Básicas de Saúde do DDA e a proposta de implantação de espaços de leitura nesses locais. A Covid-19 chegou, a pandemia nos varreu, e ficamos reclusos em casa, procurando razões e explicações para este momento histórico que estamos vivendo.

De todas as ações desenvolvidas desde 2009, com segurança de afirmação, as do ano de 2020 têm sido as mais desafiadoras para o nosso programa e a nossa atividade extensionista. Como transformar nossas ações, diretamente ligadas ao contato pessoal, ao desenvolvimento das técnicas e aos significados do “olhar”, enxergando de fato o “outro” e suas circunstâncias? Como conhecer a comunidade do DDA para, então, ajudá-la na construção de uma emancipação cidadã por meio do incentivo à leitura? Como ficar longe de nossos pacientes e contar histórias? Como realizar os cursos em novo formato à distância?

Foram muitos os questionamentos e grandes os desafios impostos. Este programa, que, há 11 anos, desenvolve ações de humanização em saúde por meio da literatura, viu-se mais uma vez na condição de “transmutar-se”, tal qual o mito de Orfeu, para seguir sua caminhada. A iniciativa imediata foi a de organizar duas ações virtuais por meio de redes sociais, que trouxessem, ao público “seguidor” das redes, indicações de leitura, exposições, artes e outras formas culturais importantes em tempos de isolamento físico. Dessa forma, suprimimos, pelo incentivo ao contato com a arte, as consequências à saúde mental decorrentes do longo período de distanciamento.

Assim, foi desenvolvido o projeto *Me conta qual livro te encanta?*, no qual a comunidade foi convidada a responder um formulário com perguntas referentes ao gosto literário e à identidade dos participantes. Com essas informações, quinzenalmente foram divulgados uma



dica literária, o motivo da escolha dessa, uma breve biografia do participante que a recomendou e seu vínculo com a UFCSPA ou com a comunidade. Nesse segmento, após a análise de *websites* de artes gratuitas, foi elaborado um projeto de divulgação semanal de plataformas de arte livres, contendo dicas de visitas a museus virtuais, de obras cinematográficas, de cursos de desenho e de livros para todas as faixas etárias.

Outra ação foi planejar e organizar a mudança de ambiente de ensino e aprendizagem, quer nas disciplinas propostas, quer nos cursos de extensão para formação de voluntários e de contadores de histórias. Nessa conjuntura, as disciplinas e os cursos, que anteriormente eram desenvolvidos de maneira presencial, foram reformulados para oferta à distância. O embasamento e as reflexões teóricas acerca da interconexão entre a literatura e a saúde foram apresentados em encontros, via ambiente virtual, que abordassem: a relação entre o contador de histórias e os diferentes públicos ouvintes; as fases do desenvolvimento humano; o processo saúde-doença; o impacto da pandemia na saúde física e mental dos indivíduos; e a essencialidade da arte na vida dos sujeitos – presente no projeto pelo ato de contar histórias literárias para a promoção da saúde neste momento tão incerto e vulnerável. Ainda, devido à impossibilidade de atividades práticas de contação de histórias no ambiente hospitalar, as contações estão sendo desenvolvidas em formato audiovisual, que, posteriormente, serão divulgadas para hospitais, casas de apoio, asilos, para a comunidade em geral e em redes sociais.

Ser extensionista é mais do que propor um projeto, um programa; é, sobretudo, saber-se transformador e transformado, permitir-se ir além do seu próprio limite e, inclusive, dos limites acadêmicos, para se transmutar em prol do bem maior: o bem social. O ano de 2020 deixa como legado ao mundo a mensagem de solidariedade e revisita os princípios de coletividade ainda não vivenciados de fato

pelas gerações recentes. O programa de extensão *Contação de Histórias na Promoção da Saúde* aprendeu, sobremaneira, que sua vida se faz no viver do outro, a comunidade. Sejam todos construtores de uma história de aprendizagem constante e de trocas em atendimento à comunidade e a seus anseios.



# ALTERNATIVAS PARA A MANUTENÇÃO DAS PARCERIAS



## **APRESENTAÇÃO**

### **AS PARCERIAS COMO ELO ENTRE A EXTENSÃO E O PÚBLICO-ALVO**

É sabido que a extensão universitária cumpre a importante função de levar os avanços gerados na universidade à sociedade. Por meio da extensão, a ciência, a tecnologia, o ensino e o que é produzido intramuros em Instituições de Ensino Superior chegam às comunidades, expressando seu compromisso social, ensinando melhoria na vida dos sujeitos como um todo. Então, sob a forma de extensão universitária, são desdobradas e compartilhadas suas áreas de ação, não só com uma comunidade específica, mas também com as diversas organizações sociais e tantas outras entidades de modo geral, que abrigam o público participante ou que ladeiam os extensionistas no serviço de melhoria social. Essas instituições conhecem a comunidade em que estão inseridas, trabalham intensamente para seu bem-estar, trazem-nos os aspectos relativos às suas forças, apontam-nos as fragilidades que precisam ser esculpidas por meio da extensão, dão-nos suporte ao permitirem que se trabalhe de modo interdisciplinar e multiprofissional, auxiliam-nos a compreender as dinâmicas entrevistas como características da população participante e promovem espaços

onde podemos agir em prol daquela comunidade. Enfim, são braços extremamente importantes para impactar positivamente aqueles que participam do desenvolvimento das atividades extensionistas. Quem pode dizer que não precisamos de parcerias que atuem em sinergia conosco visando a construir um mundo a que teremos orgulho de ser pertencentes? Além disso, as universidades ganham em muitos aspectos ao trazer a realidade da sociedade para dentro de seus muros na formação do profissional que está se graduando, conforme já foi amplamente discutido neste livro.

No entanto, com a chegada da pandemia, muitas dúvidas e vários medos vieram junto em relação ao planejamento das atividades que desejávamos que se cumprissem: como fazer extensão universitária sem população-alvo? Conseguiremos manter contato com o público que trabalhávamos? Como oportunizar esta experiência de encontro com diferentes realidades brasileiras na formação dos nossos alunos? Se faz extensão universitária sozinho, sem a presença de organizações que atuem conjuntamente a nós, em parcerias valiosas? Isso é possível? Como manter o diálogo com essas parcerias tão necessárias para o bom andamento das ações extensionistas? E se não houver mais a possibilidade de atuar na sociedade, compartilhando saberes e vivências tão ricas para todos os atores envolvidos?

A temática *Alternativas para a Manutenção das Parcerias* traz essa reflexão, apresentando relatos sobre os meios encontrados para a manutenção do vínculo dos projetos e programas de extensão da UFCSPA com as instituições parceiras, garantindo as futuras ações junto às populações-alvo assistidas. São narrações que contam os desafios identificados em suas instâncias de ação, após a pandemia nos atingir, e as possibilidades de soluções, que sempre passam pela humanização (pois, afinal, a vida é feita de pessoas!), pela empatia, pela vontade de fazer o melhor e pela constância, colocando o diálogo no centro de escolhas acertadas, pois se entende que não há extensão

universitária se não houver trocas entre a academia e a sociedade, já que uma está inserida na outra de modo irreversível.

*Lucila Ludmila Paula Gutierrez e*

*Alethéa Gatto Barschak*

Outubro de 2020





# **FEIRA DE SAÚDE: UMA NOVA REALIDADE**

*Fernanda Lopes de Souza*

*Melissa Medeiros Markoski*

O projeto de extensão Feira de Saúde, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), foi criado em 2002 pela professora Elizabeth Castro. Na época, surgiu com o objetivo de gerar a interação de professores, acadêmicos de graduação e pós-graduação e de profissionais de saúde com a comunidade, por meio de uma ação conjunta com o Rotary Club de Porto Alegre. Ao longo de 18 anos de atividades, o projeto sofreu modificações e melhorias, desvinculou-se do Rotary Club e buscou vínculo com o Distrito Docente Assistencial (DDA) da UFCSPA (área de atuação da universidade designada pela prefeitura de Porto Alegre, localizada no Norte/Eixo Baltazar) para atender essa comunidade. Diferentes comitês gestores do projeto deixaram suas marcas e adaptaram as ações aos diferentes momentos pelos quais passamos.

Em 2019, um novo comitê gestor assumiu. A ideia de levar a Universidade a além dos seus muros segue sendo a força motriz da

Feira, mas como fazer isso no ano de 2020, em meio a uma pandemia? A Feira de Saúde, como o nome diz, é uma feira, com bancas (como qualquer feira), mas, diferente da maioria, oferece à comunidade do Distrito Docente Assistencial uma série de ações de promoção à saúde.

O projeto funciona da seguinte maneira: as escolas ou os grupos comunitários, em um encontro com a equipe gestora, são apresentados às várias ações oferecidas pela Feira em edições anteriores. A equipe mostra as possibilidades de atividades propostas, e representantes da comunidade apontam as suas necessidades e áreas de interesse. A equipe da Feira de Saúde, a partir dessas informações, busca, na Universidade, as atividades que atendem à demanda e às necessidades da escola ou da comunidade. Assim, um evento é organizado de acordo com a demanda e o perfil solicitado. Normalmente, em função dos eventos da Universidade e do calendário das escolas, conseguimos executar uma feira em uma escola por semestre.

Estimular o desenvolvimento de atividades humanísticas, gerar um momento de trocas, comunicar aquilo que é produzido nas atividades de ensino e pesquisa e conhecer a realidade da comunidade em que a UFCSPA está inserida são alguns dos objetivos do projeto. Compreender as demandas dos diferentes grupos que fazem parte do DDA e buscar estratégias adequadas para atender a essas necessidades são habilidades desenvolvidas por aqueles que se envolvem com o projeto.

A Feira de Saúde faz a integração entre a comunidade escolar e a acadêmica. Coloca em contato grupos que, ao se juntarem, permitem o crescimento educacional e científico de todos os envolvidos. A palavra-chave deste projeto é “contato”, pois esse é importante para fazer trocas. Porém, no meio de uma pandemia em que o contato é a principal fonte de disseminação do vírus, as ações da Feira de Saúde deixam de ser saudáveis e podem colocar todos os envolvidos em risco. Com a recomendação de se manter o distanciamento físico

e evitar aglomerações, existe a necessidade de se repensar este projeto de extensão, de forma que a preservação dessas trocas possa continuar existindo.

Um novo desafio surge neste cenário de pandemia. A Universidade continua produzindo conhecimento, divulgando a sua produção, mas como fazer tudo isso chegar àqueles que mais precisam de informações corretas e seguras? Existe a necessidade de buscar novos caminhos, novos meios de contato – sem que esse seja físico – que permitam um estreitamento de vínculo.

Algumas ações independentes de contato físico já vinham acontecendo. A Feira ganhou um perfil nas redes sociais, que inicialmente tinha o objetivo de registrar, digitalmente, os vários anos de atividades e todas as pessoas envolvidas ao longo destes anos. Por meio das redes sociais, a Feira busca se aproximar da comunidade, colocar-se à disposição para contatos além daquele presencial que acontecia uma ou duas vezes ao ano. O objetivo é estabelecer um vínculo permanente.

Na busca para se adaptar às regras de convivência social e de preservação da saúde, o projeto se prepara para esta nova realidade. Com uma proposta de Feira de Saúde virtual e permanente, iniciou-se um processo de reorganização das ações para atender às demandas que apareceram neste período. Entre os objetivos que foram readequados, destacam-se estreitar o contato com as escolas já atendidas nos anos anteriores, buscar novas parcerias em outras escolas do município e ampliar para outros municípios, já que a distância física deixou de ser um impeditivo para as nossas ações. Assim, apontamos três linhas de atuação que são de interesse para as comunidades atendidas pela Feira de Saúde: para os alunos de Ensino Médio, a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com assuntos referentes a biologia e à saúde que possam ser abordados nesse exame; para os alunos do Ensino Fundamental, experimentos e atividades que eles

possam realizar nas suas casas, buscando despertar o cientista que existe em cada um; e, finalmente, seguir com as atividades de prevenção de saúde física e mental e de cuidado com o meio ambiente, como já acontecia nas versões presenciais da Feira.

Estamos nos preparando e gostaríamos de contar com o apoio e a participação de todos os membros da comunidade acadêmica da UFCSPA.

# TIPAGEM SANGUÍNEA E INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE: MAIS DE 10 ANOS DE TRAJETÓRIA

*Suellen Cristina Silveira da Silva*

*Juliana Trevisan da Rocha*

*Ana Cristina Borba da Cunha*

*Cristine Souza Goebel*

A doação de sangue é um ato altruísta e voluntário, que pode salvar milhares de vidas. Estima-se que, anualmente, 1,8% da população doe sangue. Contudo, a Organização Mundial da Saúde preconiza que de 3 a 5% da população deve doar sangue a cada ano para a manutenção dos estoques de sangue de um país (ZAGO *et al.*, 2010). Portanto, é de extrema importância que se estimule a doação de sangue, seja pela fidelização dos doadores ou pela mobilização permanente da população (CARAM *et al.*, 2010). Segundo o Ministério da Saúde, é necessário fortalecer as ações que estimulem a doação voluntária (SANIELE, 2019). Assim, o maior desafio enfrentado pelas instituições de saúde é manter e incrementar a doação de sangue, ou seja, envolver a sociedade, levando-a a participar ativamente do processo de doação de sangue

de forma consciente e responsável, por meio de ações educativas e de mobilização social (PEREIRA *et al.*, 2016). Falar sobre a doação de sangue em rodas de conversa, por exemplo, é uma estratégia mediadora e facilitadora da doação voluntária (ABRIL, 2016). Além disso, identificar os fatores motivacionais que influenciam os indivíduos a doarem sangue (BARBOZA; DA COSTA, 2014) e os principais medos ou dúvidas é importante para subsidiar ações orientadas para a captação de novos voluntários (ALDAMIZ-ECHEVARRIA; AGUIRRE-GARCIA, 2014). Desse modo, o trabalho desenvolvido neste projeto de extensão visa ao aumento do número de doadores, à expansão de informações sobre a temática e à possibilidade de interação e troca de experiências entre alunos e a comunidade.

Nascido em 2004 e sob supervisão da professora Cristine Goebel desde 2010, o projeto de extensão intitulado *Tipagem Sanguínea e Incentivo à doação de sangue em escolas públicas de Porto Alegre* utiliza metodologias dinâmicas e criativas para conscientizar e incentivar a doação de sangue na comunidade, além de proporcionar interações entre alunos fora do ambiente acadêmico. O projeto teve o início de suas atividades no evento de extensão *Feira de Saúde*, organizado pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). A Feira de Saúde desenvolve atividades em escolas públicas de Porto Alegre/RS pertencentes à zona de atendimento do Distrito Docente Assistencial (região de Porto Alegre destinada à atuação da UFCSPA pela prefeitura). Originalmente, essas atividades aconteciam em um sábado por mês durante o período letivo das escolas, o que proporcionava atendimento não só aos alunos e aos professores, mas também à comunidade local (pais e familiares). Nesse cenário, nosso projeto, o qual tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFCSPA, realizava testes de tipagem sanguínea (testes para descobrir o tipo sanguíneo) e rodas de conversa sobre doação de sangue. Para isso, contávamos com a atuação de acadêmicos de diferentes semestres

e cursos – como Biomedicina, Farmácia, Medicina e Toxicologia Analítica –, que, após um treinamento e sob orientação de um professor responsável, realizavam os testes como forma de atrair o público para abordar o tema da doação de sangue. Dessa forma, as atividades proporcionavam um meio de introduzir conversas, levando informações e sanando as principais dúvidas, convocando o público a refletir sobre a importância de se tornar um doador voluntário.

Ao longo dos anos, as atividades passaram por modificações em sua dinâmica de acordo com o local, o dia da semana e o público, pois passamos a desenvolver as ações de forma independente. Ou seja, além da atuação vinculada à Feira de Saúde, passamos a realizar ações em diferentes locais (como na própria Universidade e nos bancos de sangue, por exemplo) e a incluir as crianças, além dos pais, dos professores e de adolescentes das escolas públicas. Assim, atualmente, o método utilizado é composto por três atividades: 1) uma conversa sobre a doação de sangue e sua importância, em que procuramos realizar um bate-papo informativo com o objetivo de desmistificar falsas informações e esclarecer eventuais dúvidas; 2) uma demonstração e uma explicação do teste de tipagem sanguínea, com a finalidade de atrair a atenção do público, possibilitando a explicação dos tipos sanguíneos e a oportunidade de incluir uma conversa sobre a doação de sangue; e 3) a realização de jogos, buscando promover a informação e sanar dúvidas frequentes, ao mesmo tempo divertindo o público. Para isso, construímos um jogo didático, o qual chamamos de “tabuleiro humano”, ou seja, um jogo de perguntas e respostas, em que os pinos para avançar no jogo são as próprias pessoas, e as perguntas sobre a doação de sangue são objetivas e acessíveis para todas as faixas etárias. Ao final, um questionário de participação é aplicado ao público e aos acadêmicos para avaliação da atividade, o que proporciona o aprimoramento constante das nossas ações. Por meio dessas avaliações, recebemos retorno da comunidade atendida, a qual expressa o quanto



o projeto é importante, pois possibilita a troca de conhecimentos e oportuniza o esclarecimento de dúvidas (GOEBEL *et al.*, 2014).

Como as atividades passaram a incluir também o público infantil, as crianças e os pré-adolescentes são apresentados à doação de sangue, e esses são potenciais futuros doadores e disseminadores de conhecimento (G1 SC, 2013). A cada ação desenvolvida, tanto as crianças quanto os pré-adolescentes são incentivados a deixarem uma mensagem sobre o que aprenderam, e é gratificante ver frases como: “Aqui nós doamos sangue”; “Doe sangue e ajude o próximo”; “Doar sangue é uma boa coisa”; “Doe sangue e salve vidas”; e “Seja um super-herói, doe sangue”.

No ano de 2020, o projeto teve que se adaptar em consequência da pandemia mundial de SARS-CoV-2. Devido ao isolamento físico imposto, as ações presenciais não puderam ser realizadas. Somado a esse fato e em decorrência desse isolamento, houve grande decréscimo do número de doares nos bancos de sangue. Em razão disso, outras formas de incentivar a doação de sangue e de trabalhar a disseminação de informações foram estudadas, com a finalidade de ajudar os bancos de sangue a manterem os estoques. Desse modo, entramos em contato com os centros de doação para saber como melhor poderíamos ajudar neste momento. Além disso, trabalhamos na confecção de materiais para uso on-line, como cartilhas explicativas, que foram disponibilizadas em redes sociais (como Instagram e Facebook), oferecendo informações seguras em meio às *fake news*. Também trabalhamos em materiais para ampliar a divulgação do assunto, como a elaboração de *e-book* e artigos, compilando dados sobre a doação de sangue, em parceria com outros projetos de extensão da UFCSPA. Assim, os desafios para criar conteúdos elucidativos, durante a pandemia da Covid-19, seguem como estímulos neste momento, priorizando o incentivo à doação de sangue e a disseminação de informações, mantendo o objetivo do projeto de auxiliar no cumprimento das metas do Ministério da Saúde de aumento

do número de doadores e de expansão das informações, mesmo no momento atípico que atravessamos.

## REFERÊNCIAS

ABRIL, E. P. La donación voluntaria de sangre desde la perspectiva comunicativa. **Cuadernos.Info**, n. 38, p. 17-33, 2016.

ALDAMIZ-ECHEVARRIA, C.; AGUIRRE-GARCIA, M. S. A behavior model for blood donors and marketing strategies to retain and attract them. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 22, n. 3, p. 467-475, 2014.

BARBOZA, S. I. S.; COSTA, F. J. Marketing social para doação de sangue: análise da predisposição de novos doadores. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 30, n. 7, p. 1463-1474, 2014.

CARAM, C. *et al.* Distribuição espaço-temporal dos candidatos à doação de sangue da Fundação Hemominas, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, nos anos de 1994 e 2004. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 2, p. 229-239, 2010.

G1 SC. Projeto do HemoSC conscientiza crianças para doação de sangue. **G1**, Florianópolis, 15 set. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/09/projeto-do-hemosc-conscientiza-criancas-para-doacao-de-sangue.html>. Acesso em: 3 set. 2020.

GOEBEL, C. S. *et al.* Projeto de extensão – Feira de saúde do curso de biomedicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre: aproximando a universidade da comunidade. **Revista Extensão-UFRB**, v. VII, n. 1, p. 166-175, 2014.

PEREIRA, J. R. *et al.* Doar ou não doar, eis a questão: uma análise dos fatores críticos da doação de sangue. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 8, p. 2475-2484, 2016.

SANIELE, B. Ministério da Saúde reforça necessidade da doação de sangue no frio- Doação voluntária é importante para manutenção dos estoques. **Agência Brasil**, 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-06/ministerio-da-saude-reforca-necessidade-da-doacao-de-sangue-no-frio>. Acesso em: 9 nov. 2019.

ZAGO, A. *et al.* Prevalência de doação de sangue e fatores associados, Pelotas, RS. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 1, p. 112-120, 2010.

# PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL À DISTÂNCIA

*Caroline Barbosa da Silva*

*Larissa Knewitz Peres*

*Mariana Karaim Silveira de Souza*

*Aline Alves Veleda*

*Ana Cristina Wesner*

O projeto de extensão *Promoção do desenvolvimento neuropsicomotor em crianças de 0 a 24 meses de idade atendidas em creches municipais e conveniadas da Zona Norte de Porto Alegre/RS* realiza um conjunto de ações contínuas com objetivo de promover o desenvolvimento infantil e a educação em saúde de famílias e comunidades. A equipe de trabalho é composta por professoras enfermeiras, coordenadoras do projeto e discentes dos cursos de Enfermagem e Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Esse projeto de extensão, atuando desde 2016 no Distrito Docente Assistencial da UFCSPA (área designada pela prefeitura de Porto Alegre para atuação da Universidade na Zona Norte da cidade), com suas ações sistemáticas, consegue ir ao

encontro das diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2012). Portanto, constrói-se com interação dialógica, apoia-se na interprofissionalidade e possibilita impactos tanto na formação discente quanto na transformação social. Ressaltamos, ainda, a relação ensino-pesquisa-extensão, indissociabilidade presente em todas as atividades e que vem se desenvolvendo de forma contundente neste último ano de trabalho.

O projeto atuava em três escolas de educação infantil, com ações diretas junto às crianças e às educadoras, com acesso indireto às famílias, desenvolvendo ações de promoção do desenvolvimento, avaliação individual com plano terapêutico de estimulação precoce, espaços de educação continuada e produção de materiais educacionais. Em março de 2020, com a retomada das aulas e das atividades do projeto, estávamos todas animadas e logo organizamos as atividades que seriam realizadas diretamente nas escolas. Entretanto, com a chegada da pandemia e a necessidade de isolamento físico, com a suspensão do calendário acadêmico da universidade e com a definição de atividades remotas, nos vimos em uma situação de frustração, já que nossos planejamentos não poderiam ser executados e não tínhamos informações concretas sobre como seria a partir de então. Foi um momento em que tivemos de respirar fundo, acalmar-nos, apoiar umas às outras e, acima de tudo, manter a positividade, para que passássemos confiança e segurança aos pais e às educadoras que necessitavam do nosso auxílio. Talvez esse tenha sido nosso primeiro desafio como profissionais da saúde, o qual exigiu tranquilidade e paciência, mas, acima de tudo, organização, cuidado compartilhado e evidência científica.

Devido às mudanças causadas pela pandemia, todas as integrantes da equipe, assim como a comunidade em que realizávamos o trabalho, precisaram adaptar suas realidades para a continuação do projeto. Em relação à comunidade-alvo, tivemos um retorno inesperado

da escola em que o trabalho seria iniciado. A instituição não respondeu positivamente às tentativas de contato e de apoio durante o período de isolamento, o que deixou o grupo um pouco apreensivo com o que faríamos a partir daquele momento. Então, as docentes voltaram suas ações à qualificação da equipe e à educação em saúde de maneira mais ampla, desenvolvendo treinamentos com as discentes e construindo materiais de informação sobre a Covid-19.

Por se tratarem de alunas que iniciariam a avaliação de um novo grupo de crianças, fazia-se necessária a qualificação com as ferramentas metodológicas de trabalho, incluindo um estudo aprofundado sobre educação popular. No isolamento, procuramos novas alternativas para prosseguir com o treinamento, realizando encontros virtuais, com disponibilização de materiais de leitura necessários e discussão nas reuniões coletivas, a fim de sanar dúvidas.

Após a qualificação, as participantes do projeto se dividiram para produzir materiais de divulgação sobre diversos temas, com a finalidade de promover educação em saúde sobre a Covid-19 e de trazer alternativas de estimulação neuropsicomotora para crianças de 0 a 24 meses de idade e atividades que pudessem ser realizadas por seus cuidadores no ambiente doméstico. A partir da criação de um cronograma, os conteúdos desenvolvidos foram disseminados por meio do perfil do projeto em rede social e por compartilhamentos via aplicativos de mensagens de celular com familiares e em grupos específicos de educadoras envolvidas no projeto. Todos os materiais foram construídos a partir das melhores evidências científicas, fornecendo o acesso a documentos de base e simplificando informações acadêmicas. Em períodos que se torna comum a prática de disseminação de notícias falsas, reforçamos a necessidade de se ater a fontes seguras. Procuramos respeitar também a questão de acessibilidade, revezando materiais escritos, mensagens de voz e postagens com descrições de imagens para cegos nas mídias sociais.

Nos preocupamos em desenvolver materiais que expusessem para a população, de forma simples e objetiva, a importância do isolamento físico no controle do avanço da Covid-19, assim como seus sinais e sintomas e suas formas de contaminação. Para isso, gravamos um áudio, atrelado a uma imagem e a um texto explicativo, e posteriormente compartilhamos com todos os envolvidos no projeto, disseminando o material por diferentes públicos. Ainda pensando em educação sobre a Covid-19, elaboramos um material que divulgou vídeos pré-selecionados sobre a lavagem correta das mãos de forma lúdica, para servir de sugestão para pais ou cuidadores das crianças em relação a como instruí-los. Outro material desenvolvido foi uma postagem nas mídias sociais com uma seleção de filmes infantis que tivessem mensagens positivas em seu enredo para serem vistos com as crianças. Atrelado à seleção, foi disposto seu resumo e onde estes filmes poderiam ser encontrados para serem assistidos, preferindo os de acesso livre e gratuito. Além dos filmes, criamos uma postagem com uma seleção de músicas infantis disponíveis em um aplicativo de celular, com a finalidade de gerar um momento de relaxamento para famílias em meio à pandemia. Ressaltamos que tivemos diversos retornos positivos sobre essas ações, o que impulsionou o grupo à continuidade do trabalho de educação em saúde.

Salientamos que nossas populações-alvo são as crianças das escolas de educação infantil e suas educadoras, com contatos diretos e ações presenciais nesses espaços. Na complexidade atual, mantivemos contato com as escolas por *e-mail* e por grupos de comunicação via celular, em que estão presentes as educadoras e algumas líderes comunitárias. Essas pessoas são nossos elos com as famílias, pois encaminham a estas os trabalhos e os materiais e compartilham os *links* da rede social. Nas mídias sociais, o público que nos acompanha é multivariado, abrangendo famílias, comunidade escolar e acadêmicos que se interessam pela proposta de educação e desenvolvimento infantil.

Além desses e outros materiais, passamos a divulgar nosso projeto como um todo e informações pertinentes ao cuidado e à estimulação infantil. A ideia da criação de um perfil em rede social surgiu como uma alternativa para que não parássemos com nosso processo de promoção de saúde e conseguíssemos levar informação de qualidade à sociedade. Essa ação nos proporcionou um novo meio de divulgação, assim como o alcance de um novo público.

No início de junho, uma das escolas parceiras solicitou ajuda para a construção de um protocolo visando ao retorno das crianças às atividades escolares, pois a instituição não sabia como promover ações de prevenção à Covid-19. Buscamos obter o máximo de informação possível sobre como construí-lo de forma rápida e de como aplicá-lo de forma confiável e que englobasse funcionários, alunos e familiares. Foi um desafio imenso, com um trabalho de equipe complexo e que continua em andamento. As escolas ainda não retornaram, e a geração de informações é diária, com mudanças nas orientações, exigindo da equipe um olhar extensão-pesquisa ainda mais qualificado e urgente.

Convém ressaltar as diversas reuniões com as educadoras da escola, que oportunizaram trocas e conversas sobre a saúde mental dessas profissionais. Nesses encontros virtuais, elas relataram como estavam passando este momento de pandemia e as mudanças nas suas rotinas e trouxeram suas dúvidas e suas perspectivas para os próximos dias. A última reunião demonstrou como ainda existem necessidades, por parte da comunidade que estamos auxiliando com nosso projeto, a serem atendidas. No período tão inusitado que estamos vivendo, com o impacto das mudanças por conta da pandemia sobre a vida de todos, ficou evidente, por meio da fala das colaboradoras da escola, que é grande a demanda por auxílio emocional. Portanto, as professoras coordenadoras do projeto, em concomitância com as discentes, colocaram-se à disposição para realizar reuniões virtuais para conversas, de acordo com a necessidade das profissionais da escola.



Sendo assim, os meses que se passaram desde o início da pandemia significaram adaptação e aprendizagem, pela mudança na nossa rotina, no contato com outras pessoas e no cuidado e pelos novos conhecimentos que buscamos para conseguir meios diferenciados e práticos para promover conteúdo, alcançar o objetivo e a desenvoltura do projeto por novos caminhos. Torna-se evidente que os objetivos, divulgados no início deste capítulo para este projeto de extensão, sofreram modificações, tendo em vista que nossas ações dependiam da avaliação presencial. Contudo, acreditamos que esse projeto reflete, acima de tudo, um ponto de contato entre a comunidade externa e discentes e docentes da UFCSPA. Por isso, em meio a tantas ressignificações por parte de ambos os grupos, acreditamos que o diálogo foi uma das formas mais efetivas de encontrarmos respostas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

## **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

### **Adilia Maria Pereira Wiebbelling**

Enfermeira pela Universidade Luterana do Brasil. Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Luterana do Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

### **Adriana Torres de Lemos**

Fisioterapeuta pelo Centro Universitário Metodista (IMEC/IPA). Educadora Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra e Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

### **Alessandra Dartora da Silva**

Enfermeira pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Alethéa Gatto Barschak**

Farmacêutica-Bioquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Ciências Biológicas – Bioquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Aline Alves Veleda**

Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande. Especialista em Cuidado Pré-Natal pela Universidade Federal de São Paulo. Especialista em Políticas Públicas e Justiça de Gênero pelo Conselho Latino-Americano em Ciências Sociais. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Aline Corrêa de Souza**

Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Aline Griza**

Bacharela em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Mestre em Tecnologias da Informação e Gestão em Saúde pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Programadora Visual do Núcleo Cultural da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Alisia Helena Weis**

Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande. Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Amanda Berlinck da Silva**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Amanda Petrini Bini**

Graduanda do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Ana Cristina Borba da Cunha**

Química Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestra em Engenharia de Metalurgia, Minas e Materiais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Ana Cristina Wesner**

Enfermeira pela Universidade do Vale dos Sinos. Especialista em Enfermagem em Saúde Mental pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Ciências Médicas – Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Andriane Monteiro Vieira**

Graduanda do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Ângela de Mattos Dutra**

Bióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra e Doutora em Ciências Biológicas – Bioquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Annie Jeanninne Bisso Lacchini**

Enfermeira pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Arthur Aires**

Psicólogo pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Bruna Espíndola de Araújo**

Nutricionista pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Mestra em Ciências da Nutrição pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Bruna Lixinski Diniz**

Biomédica pelo Centro Universitário Metodista (IMEC/IPA). Mestra e Doutoranda em Patologia - Genética pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Caroline Barbosa da Silva**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Caroline Busatto**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Caroline de Oliveira**

Graduanda do Curso de Nutrição do Centro Universitário Ritter dos Reis.

**Carolíni Thomas da Silva**

Graduanda do Curso de Nutrição da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Cecília Bittencourt Severo**

Farmacêutica-Bioquímica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências Pneumológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Cibele Cristina Boscolo**

Fonoaudióloga pela Universidade de São Paulo - Faculdade de Odontologia de Bauru. Mestra em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Cristine Souza Goebel**

Biomédica pela Universidade Feevale. Mestre em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências Pneumológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Daniela Guido Pereira**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Débora Cardoso Corrêa**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Débora Gomes da Rocha**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Débora Fernandes Coelho**

Enfermeira Obstetra pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Débora Soares da Silva**

Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Ritter dos Reis.

**Deisi Cristina Gollo Marques Vidor**

Fonoaudióloga pelo Centro Universitário Metodista (IMEC/IPA). Mestre e Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Domênica Bossardi Ramos**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Elisa Bueno Pereira**

Graduanda do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Elizabeth de Carvalho Castro**

Bióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Assistente da Universidade Federal de Ciências de Saúde de Porto Alegre.

**Émilly Giacomelli Bragé**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Emily Viega Alves**

Graduanda do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Fernanda Górski**

Graduanda do Curso de Nutrição da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.



### **Fernanda Lopes de Souza**

Cirurgiã-Dentista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Ortodontia e Ortopedia Facial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

### **Francisco Scornavacca**

Médico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Pediatria pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Neurologia Pediátrica pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Doutor em Ciências Médicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

### **Gabriela Peretti Wagner**

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestra e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

### **Gabriela Solano de Oliveira**

Graduanda do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

### **Helena Schirmer**

Biomédica pela Universidade Feevale. Mestra em Diagnóstico Genético e Molecular pela Universidade Luterana do Brasil. Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Pontifícia Universidade Católica

do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Henrique Carvalho de Andrade**

Graduando do Curso de Química Medicinal da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Inara Rahde Fialho**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Isabella Silva Moraes**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Isadora Garcia Camboim**

Graduanda do Curso de Nutrição da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Iury Mergen Knoll**

Graduando do Curso de Física Médica da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Jhonathas Willyam de Oliveira Fernandes**

Graduando do Curso de Química Medicinal da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Júlia de Azambuja do Nascimento**

Graduanda do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Juliana Trevisan da Rocha**

Biomédica pela Universidade Luterana do Brasil. Mestre e Doutora em Ciências Biológicas – Bioquímica Toxicológica pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Juliana Wizoreke Carvalho**

Graduanda do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Kauany Letícia Lameu**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Kellen Cristina Araujo**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Lahanna da Silva Ribeiro**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Larissa Knewitz Peres**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Larissa Vitória da Silva**

Graduanda do Curso de Biomedicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Lauren Ruas Vrech**

Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Atenção Psicossocial pela Universidade Federal de Santa Catarina. Enfermeira da Unidade de Internação Psiquiátrica do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas/RS.

**Letícia Pacheco Ribas**

Fonoaudióloga pelo Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC/IPA). Mestre e Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Liana Vitória Marchezi**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Lisiane Wandscheer**

Bacharela em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Especialista em Projetos Sociais e Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Jornalista do Núcleo Cultural da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Lucas Gabriel dos Anjos Ferreira**

Graduando do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Luciana Boose Pinheiro**

Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestra em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Lucila Ludmila Paula Gutierrez**

Farmacêutica-Bioquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra e Doutora em Ciências Biológicas – Fisiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Marcelo Rabello dos Santos**

Bacharel em Música com Habilitação em Regência Coral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Psicologia e Saúde pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Regente do Coral da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Marcia Angelica Peter Maahs**

Odontóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora em Odontologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Maria Luísa Martins D'Angelo**

Graduanda do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Maria Paula Oliveira de Moraes**

Biomédica pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Mestranda em Biotecnologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Mariana Karaim Silveira de Souza**

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Mariana Ritter Rau**

Biotecnologista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Marla Narciso Godoi Biajoli**

Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Química Orgânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Química Orgânica pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Melissa Medeiros Markoski**

Bióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Pâmela Veroneze Demichei**

Graduanda do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Pedro Henrique Mirapalheta Jacques**

Graduando do Curso de Química Medicinal da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Rafaela Ferraz Brito**

Graduanda do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Raquel dos Santos Ramos**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Rasna Rodrigues Vasques**

Graduanda do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Renata Padilha Guedes**

Fisioterapeuta pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestra em Ciências Biológicas – Neurociências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências Biológicas – Fisiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Ricardo Sukiennik**

Médico Pediatra pela Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre/Hospital da Criança Santo Antônio Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Especialista em Pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Especialista em Ensino em Profissões de Saúde pela Universidade Federal do Ceará.

Mestre em Pediatria pela Escola Paulista de Medicina-Universidade Federal de São Paulo. Doutor em Ciências Pneumológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Rita de Cassia dos Reis Schmidt**

Graduanda do Curso de Química Medicinal da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Sandy Borges Cardoso**

Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Simone Schneider Amaral**

Química Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre e Doutora em Química pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Associada da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Suellen Cristina Silveira da Silva**

Graduanda do Curso de Biomedicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

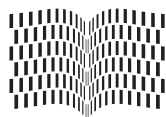
**Tatiane Andressa Gasparetto**

Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**Victória Machado de Albuquerque**

Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.





Editora da  
UFCSPA